

12 de Dezembro 2016
Segunda-Feira
Semanário - Ano 1
Nº 39 / kz 400
Director-Geral
Evaristo Mulaza

INSTITUIÇÃO NÃO AVANÇA QUALQUER EXPLICAÇÃO OFICIAL



Sanjay Bashin,
CEO do Banco
Económico

Banco Económico 'esconde' resultados há 2 anos

BALANÇO. Banco que resultou da liquidação do Banco Espírito Santo Angola continua por apresentar resultados, mais de dois anos após a sua criação, por intervenção do Banco Nacional de Angola. Com o 2016 a chegar ao fim, também não divulgou qualquer balancete trimestral.

- Últimos números disponíveis reportam-se ao extinto BESA
- Lei das instituições financeiras prevê punições. Pág. 16



Resultados da Maersk recuam 18%

A gigante mundial de transportação de contentores Maersk Line antecipa uma queda de 18% nas receitas conjuntas de Angola e da América Latina, recuando dos 1,1 mil milhões de dólares de 2015, para os 900 milhões de dólares em 2016, apurou o VE de fonte da empresa. Pág. 18

Comércio 'engole' crédito

De Janeiro a Outubro deste ano, o crédito à economia contabilizou 4.066,9 milhões de kwanzas e só o comércio reclamou 21,4% do total, o equivalente a 870,1 milhões de kwanzas. Actividades imobiliárias e particulares seguem-se, respectivamente, na segunda e terceira posições. Pág. 14

MANUEL GONÇALVES, PCA DA ENSA

Falta de cambiais dificulta cobranças

Presidente da seguradora, com maior quota de mercado no país, declara, em entrevista, que o actual cenário de crise está a criar maiores dificuldades na realização de operações financeiras no sector. Manuel Gonçalves assinala que, além de constituir uma 'ameaça' à capacidade de liquidez e de investimento dos operadores, a conjuntura está a causar transtornos nas cobranças aos segurados. Págs. 4 a 7



Moedas AKZ USD 166,7 Kz (+0) ▲ EUR 178,4 Kz (+1,5) ▲ LIBRA 211,5 Kz (+3,4) ▲ YUAN 24 Kz (-0,1) ▼ RAND 12,1Kz (+0,2) ▲



DIGITOS & NÚMEROS

Contabilidade & Consultoria Fiscal

Tel: +244 945 766 958 e-mail: digitos.numeros@gmail.com

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



CONTRASTES

Quer um exemplo categórico sobre a razão por que o optimismo do discurso oficial contrasta, de forma inquestionável, com o sentimento dos investidores? A edição desta semana é particularmente explícita. De ponta a ponta, há testemunhos e queixas de investidores e de empresários que sentem os efeitos da crise, além da pele. Investidores de todos os tamanhos. Desde os mais pequenos, como uma empresa de produção de concentrado de proteico, no Cazenga, em Luanda, que ameaça despedir os 20 trabalhadores, por falta de divisas, a gigantes nacionais como a Ensa, que admite que a escassez de cambias está a dificultar a cobrança de seguros. Ou ainda a gigantes mundiais, como a Maersk Line, que antecipa uma quebra nas receitas na ordem dos 18%. Mas, neste rol de sentimentos relutantes ao optimismo oficial, ainda podemos juntar os sinais que chegam do mercado de comercialização de automóveis em que se calcula um recuo nas vendas globais a roçar os 59%. Os exemplos que configuram esta atmosfera de perdas e quedas podem incluir também os números que

apontam uma derrapagem significativa nas trocas comerciais entre Angola e os seus parceiros da SADC. E porque não uma referência ao Banco Económico que, mais de dois anos após a sua criação, por força da liquidação do BESA, não apresenta quaisquer resultados, deixando o mercado completamente às escuras em relação a uma instituição com relevância histórica no sector?

É claro que resumir tudo isso na esfera dos sentimentos seria um exercício excessivamente simpático para não dizer eufemístico. O que está em causa ultrapassa, sobremaneira, o universo dos sentimentos. Quem, no dia-a-dia, se confronta com a possibilidade de despedir trabalhadores em massa, no mínimo, lida com verdadeiros dramas sociais. Quem, no terreno, vive diariamente o risco de encerrar uma

linha de produção ou uma unidade fabril completa não percebe, de certeza, os sedativos que as vozes oficiais tentam aplicar na percepção geral que se tem da crise económica e cambial e dos seus efeitos. Repetidas vezes, ouvem-se membros do Governo a lançar foguetes sobre o fim da crise, nos termos em que a literatura técnica a concebe. Mas a quem isso interessa verdadeiramente, quando, grosso modo, as dificuldades de importação de bens essenciais e de serviços se mantêm, nos níveis de 2015? Quando há projectos estruturantes e em áreas definidas pelo próprio Governo como prioritárias que não avançam do ponto em que estagnaram desde meados de 2014. Quando são anunciados projectos que, em termos práticos, não passam disso mesmo por impossibilidade de compras ao exterior e pela quase inexistência de opções de financiamento internas.

Exemplos mais afirmativos para a percepção dos contrastes são quase impossíveis. Mas, no fundo, o que separa aqui o optimismo do cepticismo não é a percepção diferenciada da realidade entre o Governo e o resto. Toda a gente faz a mesma ideia do que se passa. A diferença é o recurso ao eufemismo que serve bem à aflição de quem, a todo o custo, se sente na obrigação de tapar o sol com a peneira.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo: António Nogueira

Editor gráfico: Pedro de Oliveira

Redacção: António Miguel, Edno Pimentel, Isabel Dinis, José Zangui, Mateus da Graça Filho, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuesseca

Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embalo

Colaboradores: Cândido Mendes

Produção gráfica: Notiforma SA

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 N° de Registo do MCS: 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Assistenete Administração: Mariquinha Rego

Departamento Administrativo: Jessy Ferrão, Nelson Manuel

e Valdimir de Almeida

Departamento comercial: Arieth Lopes, Geovana Fernandes
comercial@gem.co.ao,

Tel.: +244941784790-(1)-(2)

N° de Contribuinte: 5401180721;

N° de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

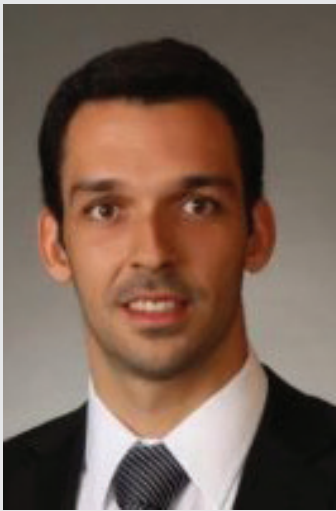
Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, n° 35, Alvalade,
Luanda/Angola, Telefones: +244 222 320510,

222 320511 Fax: 222 320514

email: administracao@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



João Vicente

Director-geral do Kinda Home

Que avaliação faz do mercado mobiliário e decoração em Angola?

O mercado do mobiliário e decoração está cada vez mais desenvolvido e disponibiliza uma gama de produtos cada vez mais rica. Hoje temos 'players' que oferecem produtos para todos os gostos, desde artigos de luxo a produtos de preços mais reduzidos. O consumidor está a evoluir, tornando-se mais exigente.

Como analisa o encerramento de muitas lojas de móveis?

A crise tem sido muito dura para muitos negócios em Angola. Com o ajustamento da economia, é natural que alguns negócios não aguentem estes impactos negativos. É uma situação comum quando existe contracção da economia.

Como é que o Kinda Home tem lidado com a crise?

Esse é um dos nossos grandes desafios, dado o enquadramento macroeconómico que vivemos. Trabalhamos diariamente para minimizar o nosso consumo de divisas, procurando comprar produto local, quando disponível nos padrões de qualidade exigidos pelo Kinda. Temos estado regularmente em conversações com entidades do sector para planearmos as necessidades de importação atempadamente.

TERÇA-FEIRA

Angola está a receber, desde Novembro, o primeiro lote de 15 locomotivas adquiridas na China para reforçar os caminhos-de-ferro do país, anunciou o ministro dos Transportes, Augusto Tomás. O governante frisou que já desembarcaram locomotivas nos Portos de Luanda, Lobito e Namibe.

QUARTA-FEIRA

O Ministério da Indústria aprovou um contrato de investimento privado para investir cerca de um milhão de dólares, para uma fábrica de embalagens de cartão de ovos, visando a redução das importações. O projecto do empresário Ahmad Tajeddine é considerado "relevante para a indústria de papel e cartão".

QUINTA-FEIRA

O Banco de Comércio e Indústria (BCI) vai entrar em reestruturação, no âmbito de uma estabilização do sistema financeiro angolano, revelou o governador do BNA, Valter Filipe Silva, num seminário no Instituto Real de Relações Internacionais, em Londres.



SEGUNDA-FEIRA

Angola exportou 19.475 toneladas de farinha e óleo de peixe, durante o exercício económico 2016 para os países vizinhos, revelou a ministra das Pescas, Victória de Barros Neto. A responsável afirmou que a exportação deste produto resultou na arrecadação de 7,7 milhões de dólares americanos para a balança comercial do país.

SEXTA-FEIRA

Angola assinou e ratificou, pelo menos, dezanove dos vinte e três acordos de cooperação entre os Estados membros do bloco económico regional da África Austral, informou a secretária nacional da SADC, Beatriz de Moraes, num seminário sobre comércio internacional.



SÁBADO

Um projecto urbano-turístico, denominado 'Elefantes Bay', que visa a construção de uma vila turística, foi lançado na Baía dos Elefantes, em Benguela. O investimento é uma iniciativa da empresa Lucitur, que prevê a construção de dois mil fogos habitacionais.



DOMINGO

A integração de Angola à Zona de Comércio Livre da SADC deve ser gradual e de forma a que permita a economia ganhar 'músculos' face à concorrência acrescida de outros países, defendeu o consultor da União Europeia, Fernando Vale.



COTAÇÕES



TRUMP CONTINUA A 'AQUECER' WALL STREET

Os principais índices norte-americanos iniciaram a sessão da última sexta-feira com ganhos ligeiros: o Standard & Poor's 500 sobiu 0,18% e o tecnológico Nasdaq valorizou 0,42%. O industrial Dow Jones, que alcançou máximos nos primeiros três dias da semana, fechou com 0,12%. A tendência positiva em Wall Street está relacionada com a valorização crescente das matérias-primas verificada após Donald Trump ganhar eleições. No mercado de câmbios, entretanto, as margens inverteram-se.



ANTES DO 'DIÁ' PETRÓLEO SOBE

O preço do Brent e do crude voltou a registar subidas de 0,56% e 0,67% para os 54,19 e 51,18 dólares, respectivamente. A contribuir está a posição dos produtores sauditas, que, antes da reunião da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) com os 'não-alinhados' da OPEP, decidiram, para já, cortar a produção de petróleo. A reunião estava marcada para 10 de Dezembro, na capital austríaca, Viena. Essa decisão é parte do acordo da semana passada do também chamado 'Cartel'.

Entrevista

MANUEL GONÇALVES, PCA DA ENSA

“Em tempo de crise as dificuldades com as obranças de seguros são maiores”

Presidente do conselho de administração da Ensa enumera dificuldades que afectam o sector segurador nacional devido à crise e aponta a falta de cambiais como um dos maiores ‘males’ a ultrapassar. Apesar do actual quadro, afirma que, em geral, a empresa que dirige manteve os preços dos seguros, mas esclarece que há uma nova proposta de valor para o seguro de saúde, com maior flexibilidade em benefícios e custos.

Por António Nogueira

A

Como as seguradoras têm estado a gerir o negócio nessa fase de crise que assola o país?

As seguradoras desenvolvem um negócio muito transversal a toda a economia e, por isso, não podem deixar de sentir os impactos da crise económico-financeira. Há maior dificuldade de realização de operações financeiras, designadamente de invisíveis correntes para pagamento aos resseguradores, com quem pulverizamos e mitigamos o risco. O mesmo sucede com os pagamentos aos provedores internacionais de serviços médicos e aos fornecedores de tecnologias. As dificuldades cambiais impactam também na qualidade dos prestadores de serviços que se relacionam com a ocorrência de sinistros, nomeadamente unidades do sistema de saúde

e oficinas. Por outro lado, aumentam as dificuldades de cobrança e pode diminuir a liquidez e o investimento.

Sinto que, em geral, as seguradoras enfrentam este quadro com serenidade e confiança, melhorando os seus modelos de gestão de risco, competindo entre si com lealdade ao mesmo tempo em que cooperam, através da ASAN (Associação das Seguradoras de Angola), a sua associação empresarial, de forma a influenciar o crescimento do mercado segurador e obter melhor regulação em benefício de todos.

Face a este quadro qual, tem sido a estratégia assumida pela Ensa?

O nível de modernização alcançado permitiu a nossa rápida adaptação. Com mais proactividade e inovação, optimizámos a gestão a todos os níveis, melhorámos a gestão do risco do ‘compliance’ e do controlo interno, com tecnologias e processos mais exigentes, implementámos um plano de redução de custos, preparámos as nossas forças de vendas e de regularização de sinistros, aumentámos a nossa capacidade



“Temos uma relação equilibrada com o mercado internacional de resseguro e, em geral, temos conseguido manter as coberturas de resseguro em vigor.”

comercial com a criação de novos produtos e serviços e executámos um plano de campanhas com muito mais agressividade. Criámos, nos últimos tempos, o seguro desportivo, o seguro de protecção escolar e o seguro de turismo, muito voltados para a protecção das vítimas de acidentes em situações diferenciadas e uma nova proposta de valor para o nosso seguro de saúde, agora muito personalizado, com maior flexibilidade em benefícios e custos.

Como a empresa tem gerido a questão relativa aos rácios de sinistralidade?

Hoje controlamos muito melhor os rácios de sinistralidade de cada um dos clientes e fazemos renovações das apólices de maneira mais casuística, adaptada à situação concreta de cada um dos segurados, criando maior satisfação e retenção dos clientes.

Estabelecemos relações com diversos bancos para o débito directo e automático em conta que permite ao segurado o pagamento com maior conforto e segurança e a prestações. E o modelo de relação com a banca comercial e com o banco central, apesar do caminho que ainda há a percorrer, tem permitido algum equilíbrio no cumprimento das nossas obrigações sobre o exterior.

E toda essa estratégia tem sido suficiente para driblar os efeitos da crise?

Com mais rigor, agressividade e sentido de urgência nos processos de tomada de decisão e de execução de projectos e tarefas, continuamos a liderar o mercado com uma percentagem significativa e a ter uma relevante notoriedade espontânea da marca e elevada taxa de retenção dos clientes. Comparativamente com períodos homólogos, a taxa de sinistralidade global e em produtos críticos como a saúde, baixou, apesar da grande crise sanitária que tivemos com endemias de grande severidade.

Por seu turno, a taxa de crescimento de prémios aumentou. As cobranças continuam a ser um grande desafio que estamos a enfrentar com resultados crescentes. Neste momento, temos uma relação equilibrada com o mercado internacional de resseguro e, em geral, temos conseguido manter as coberturas de resseguro em vigor, o que se deve tanto a um bom modelo e práticas

de gestão como a relação com o sistema financeiro bancário nacional como, ainda, à credibilidade internacional que granjeamos.

A carteira de clientes detida pela Ensa não sofreu nenhum abalo em função da actual conjuntura económica do país?

As oscilações da carteira de clientes a que temos assistido, derivadas mais do ambiente económico geral do que da presença de outros players no mercado, não têm afectado nem a nossa quota de mercado nem o nosso volume de prémios, com um crescimento até Novembro de cerca de 6% relativamente ao período homólogo de 2015. É muito animador constatar que, apesar da crise, numa das campanhas corporativas que realizámos, envolvendo os seguros de acidentes de trabalho e automóvel frotas, a produção média semanal cresceu 89% comparativamente ao período de 2013 a 2015.

Há muitos clientes em falta com o pagamento das suas prestações de seguro?

A actividade seguradora é uma actividade económica invertida em que os prémios são pagos antecipadamente pelos segurados. Nas renovações das apólices, os sistemas informáticos, em regra, geram recibos automáticos e obrigações de pagamento. O cliente pode não estar interessado na renovação, não paga e nada diz.

O cancelamento das apólices, em caso de falta de pagamento, é legalmente complexo. Estamos a trabalhar com a ASAN para propor soluções que simplifiquem os procedimentos, sem prejuízo da protecção dos direitos dos segurados. Em tempo de crise é natural que as dificuldades de cobrança sejam maiores. Por isso, além do serviço do ADC – autorização de débito em conta - antes referido, estamos salvaguardados pela relação de grande proximidade, confiança e estabilidade que temos com os nossos clientes, nomeadamente grandes e médias empresas e instituições, com as quais temos contas correntes ou acordos específicos de pagamento e sabemos que, a qualquer momento, vão honrar as suas obrigações.

Houve alguma alteração nos preços praticados pela Ensa?



Mário Mujites © VE

Notamos que essa cultura (de seguros), das famílias e das empresas de diferentes dimensões, está a crescer significativamente mas ainda é insuficiente.

A nova proposta de valor que temos para o ramo saúde, por exemplo, permite soluções muito personalizadas e adequadas às necessidades e interesses de cada cliente.

Procuramos diferenciar-nos no mercado pela atenção e qualidade do serviço que oferecemos ao cliente e não pelo preço, que pode ser enganador. Tivemos, de uma maneira geral, a manutenção dos preços. Ao longo de dez anos, a Ensa não alterou os preços do seu seguro de saúde, apesar do elevado grau de criticidade, optando antes pela optimização da sua gestão. Mas terminou o tempo das tarifas e soluções uniformes para todos e adoptamos novas políticas de formação dos preços. A Ensa encontra-se num estado elevado de modernização dos seus sistemas de informação, que permitem avaliar a sinistralidade de cada um dos seus clientes e apresentar o preço mais adequado.

Em muitos casos, os clientes poderão pagar menos do que antes e outros poderão ter de sofrer alguns ajustes. A nova proposta de valor que temos para o ramo saúde, por exemplo, permite soluções muito personalizadas e adequadas às necessidades e interesses de cada cliente. Considerando a combinação de diversas variáveis, incluindo a diversidade de coberturas, limites de capital, custos e modos de pagamento, são possíveis mais de seiscentas combinações opcionais de coberturas em benefício das empresas e seus trabalhadores.

Há alterações a assinalar a nível do resseguro?

Assumimos a responsabilidade da gestão dos co-seguros agrícola e, transitoriamente, petrolífero. Tendo em conta os elevados níveis de capitais em risco, particularmente na indústria do 'oil & gas', temos, hoje, maior dispersão do risco com a colocação dos pro-

dutores em resseguro internacional.

Em função do quadro que descreveu, que resultado a Ensa espera alcançar até ao final deste ano?

O grande desafio definido no início do ano foi o de chegar ao fim do ano sem diminuição da carteira de prémios e com uma taxa de sinistralidade muito próxima da anterior. Num ambiente de variáveis externas e internas tão adversas, a boa taxa de crescimento até aqui alcançada e a clara diminuição da taxa de sinistralidade geral e no produto mais sensível que temos, porque dependente de muitas situações fora do nosso controle como a saúde pública, endemias e a capacidade da rede de prestadores de serviços, são resultados bastante animadores.

O volume de prémios gerido pela Ensa está em níveis sustentáveis?

Continuamos a ter uma boa margem de solvência, conforme os requisitos prudenciais, que nos permite assumir as nossas responsabilidades perante as necessidades de protecção dos clientes.

Procuramos, e temos conseguido, equilíbrio entre o volume de prémios, adequação das provisões e a sinistralidade, particularmente nos produtos em que é tendencialmente mais elevada.

A Ensa é uma das seguradoras que abraçou o desafio de garantir o seguro agrícola. Como está a ser esta experiência?

O seguro agrícola é um dos produtos do portfólio da Ensa. A ARSEG trabalha com o Ministério da Agricultura na montagem de um programa-piloto para o co-seguro

CONTINUA NA PÁG. 6



Mário Mujites © VE

Entrevista

PUB

Todas as segundas-feiras Angola tem mais...

Valor Económico
4 Abril 2016
Segunda-Feira
Número 740.1
R\$2 / Kz 600
Município de Luanda

PAÍS VIZINHO RECLAMA RECURSOS DA 'ZONA CONJUNTA'
RD Congo exige indemnização de 500 milhões USD a Angola
A AUTORIZAÇÃO unilateral da Sonangol à Chevron para a exploração de petróleo na 'Zona de Interesse Comum' está na base do conflito que já levou o presidente Joseph Kabila a 'varrer' do seu governo figuras 'favoráveis' a Angola. Pág. 14

PETRÓLEO Potencial do onshore ignorado
Com os custos de produção de petróleo a rondarem os 55 dólares por barril, especialistas apontam para a exploração onshore, que tem custos de produção mais baixos que promove a criação de micro economias locais e de emprego. A produção onshore em Angola marginal, abaixo dos 3%, corria a rendência mundial 67% de todo o petróleo no mercado internacional é explorado onshore. Págs. 4-9

EM CAUSA A CRISE DE DIVISA
Brasileiros querem conversão monetária entre real e kwanza
A Associação de Empresas Brasileiras em Angola (AEBRAN) é autora de uma proposta que deve ser submetida ao governo brasileiro no sentido de acordos com as autoridades angolanas, para que o real seja aceite em Angola e o kwanza no Brasil. Pág. 16

Luanda com seis novas centrais eléctricas
Empresa de Produção de Electricidade - PRODEL - adquiriu seis centrais da norte-americana General Electric, no valor de 300 milhões de dólares, que prevêm abastecer mais de 600 mil residentes em Luanda. Pág. 18

CATTIVAÇÃO DE DESPESAS MANTÉM PREVISÕES ECONÓMICAS
Governo descarta revisão imediata do OGE
À entrada do segundo trimestre, o valor do barril do petróleo mantém-se abaixo do preço fiscal inscrito no Orçamento Geral do Estado, mas fontes oficiais avançam que o Governo não admite, para já, a revisão do documento. Os cortes nas despesas de investimento não prioritárias são uma das opções para a insustentabilidade do Governo em alterar as referências do OGE deste ano. Págs. 10-11

Moedas ARZ USD 160,9 Kz (+0,9) ▲ EUR 181,03 Kz (+0,7) ▲ LIBRA 229,7 Kz (+0,3) ▼ YUAN 24,7 Kz (+0,1) ▲ RANO Rand = 10,5 Kz (+0,3) ▲

Descarregue a App

Assinaturas:

assinaturas@gem.co.ao
comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Contactos comerciais: 941 784 791 - 941 784 792

Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda - Angola

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 5

agrícola, vinculando várias seguradoras do mercado, sob a liderança da ENSA. Projectos agrícolas considerados estratégicos do Huambo e Bengo, para pequenos agricultores, e Kwanza-Sul e Malanje para grandes agricultores poderão constituir a prioridade.

Com entidades especializadas trabalha-se nas cotações preliminares, qualidade dos dados, abordagem sobre a utilização dos serviços de monitorização e a verificação dos dados históricos do registo das precipitações nas províncias. É uma experiência bastante gratificante por se tratar de um projecto imprescindível ao esforço nacional de diversificação da economia.

A contribuição do sector no Produto Interno Bruto continua a ser reduzida, conforme nos anos anteriores?

A taxa de penetração de seguros é o principal indicador macroeconómico do sector segurador, estabelecendo a relação existente entre o volume de prémios que os segurados pagam às seguradoras e o Produto Interno Bruto nacional. Os actuais 0,8% são uma taxa muito baixa se compararmos a outras realidades próximas da nossa em termos de maturidade dos mercados, como a Namíbia, África do Sul, Quênia e Costa do Marfim. Olhamos para este fenómeno macroeconómico numa óptica de oportunidade de crescimento.

O que será necessário fazer para melhorar esse quadro?

O primeiro tópico é o aumento da literacia e da cultura dos seguros que ainda é bastante incipiente. Notamos que essa cultura, das famílias e das empresas de diferentes dimensões, está a crescer significativamente mas ainda é insuficiente. A agência reguladora, o Fundo de Garantia Automóvel, as seguradoras, outros operadores do mercado e a comunicação social têm um papel incontornável. Outra das formas de fazer crescer a cultura de seguros e fomentar o crescimento é a criação de seguros obrigatórios. A protecção das vítimas com menos possibilidades de recuperação da situação em que se encontravam antes do sinistro ainda é a razão principal da criação de seguros obrigatórios. Mas de nada valerá a sua criação se não forem escrupulosamente fiscalizados como condição para a sua efectividade.



Mário Mujetes © AE

0,8%

É a taxa média de penetração de seguros no mercado angolano.

6%

Taxa de crescimento do volume de prémios da Ensa, até Novembro.

lizados como condição para a sua efectividade.

Os seguros obrigatórios são ou não cabalmente cumpridos pelos segurados?

São obrigatórios seguros como o automóvel para a protecção de terceiros, o seguro de acidentes de trabalho, para a protecção dos trabalhadores e o seguro de incêndio que é igualmente obrigatório na chamada propriedade imobiliária horizontal que envolve os prédios repartidos em fracções e os condomínios. Todos eles devem ser mais fiscalizados. O de incêndio tem pouca expressão. Tivemos há bem pouco tempo, na marginal, um incêndio que lamentavelmente colocou em situação

PERFIL

Manuel Gonçalves é advogado, consultor de empresas, docente de direito, e técnico jurista na assessoria jurídica da Presidência da República. Já desempenhou funções como a de primeiro bastonário da Ordem dos Advogados e cônsul honorário da Finlândia em Angola. Actualmente é o presidente do conselho de administração da ENSA Seguros de Angola.

“*Estamos a trabalhar para tornar mais efectivo o seguro automóvel, encontrar melhores soluções para a relação entre seguradoras e as prestadoras de serviços médicos.*”

difícil muitas famílias que estavam adequadamente instaladas e que repentinamente perderam tudo o que tinham.

O seguro seria a condição para a rápida recuperação do que foi perdido mediante o ressarcimento dos prejuízos causados e a colocação do segurado na situação em que se encontrava antes da ocorrência do sinistro. Divulgar mais a cultura do seguro para que se perceba a necessidade de proteger os bens de mais difícil aquisição em qualquer época e, por maioria de razão, em tempo de crise, uma fiscalização mais intensa impõe-se.

Fale um pouco do papel que tem sido desenvolvido pela Associação das Seguradoras Angolanas? A ASAN deu passos muito significativos nos últimos tempos. Criámos sete comissões técnicas

e grupos de trabalhos referentes às matérias sobre os seguros automóvel, saúde, acidentes de trabalho, questões financeiras e fiscais, marketing, formação e revisão da legislação.

Integram especialistas das várias seguradoras, com conhecimento e experiência suficientes para produzir estudos e propostas de melhoria do sistema, e uma excelente base para a cooperação institucional com o nosso regulador - a ARSEG -, o Ministério das Finanças e outras instituições intervenientes nos processos de regulação e fiscalização. Já produzimos estatísticas mensais de prémios e de indemnizações com indicadores que disponibilizamos às seguradoras membros e que lhes permitem análises do mercado. Celebramos protocolos de colaboração com a Associação Portuguesa de Seguradoras e com as Socieda-

des Gestoras de Fundos de Pensões e estamos a ultimar as negociações para a implementação de um Fichero Nacional de Matrículas e de um Fichero de Sinistros e Fraudes Automóvel durante o primeiro semestre de 2017 com suporte numa plataforma tecnológica já testada com sucesso.

Que resultados concretos terão sido produzidos pelas comissões de trabalho que referiu?

Há abordagens avançadas sobre novos capitais mínimos para o seguro de responsabilidade civil automóvel, um novo plano de contas para o sector segurador, a revisão dos actuais limites para a composição da carteira de aplicações financeiras, o modelo de cálculo de solvência e um estudo bastante aturado sobre mudanças no plano fiscal dos fundos de pen-

sões. Solicitámos e esperamos que, por ocasião da aprovação do Orçamento Geral do Estado, a Assembleia Nacional dê uma autorização legislativa ao Executivo para legislar sobre a matéria dos incentivos fiscais no domínio dos fundos de pensões, para não termos de adiar por mais um ano um tema tão importante para a protecção social complementar das pessoas.

Que outros trabalhos efectuados por essas comissões e pela ASAN merecem ser destacados?

Estamos a trabalhar igualmente para procurar tornar mais efectivo o seguro automóvel, encontrar melhores soluções para a relação entre seguradoras e as prestadoras de serviços médicos para melhorar o seguro de saúde e torná-lo mais acessível ao conjunto das pessoas. A chamada Carta Ama-

rela, que tem por objectivo a gestão em Angola dos sinistros que possam ser provocados no nosso território por viaturas que atravessam as nossas fronteiras e provoquem sinistros é outro desafio. Já desenvolvemos diversas acções de formação relativamente ao seguro petrolífero, seguro de engenharia e outros domínios, com a participação de várias seguradoras.

Mas todas as questões críticas que afectam a actividade seguradora, nomeadamente as matérias decorrentes da exposição ao risco cambial e da necessidade de influenciar o mercado para melhorá-lo e fazê-lo crescer têm sido objecto da nossa actividade e de cooperação junto das instituições competentes, com particular destaque para a ARSEG, sua administração e quadros técnicos, com quem existe uma relação de cooperação privilegiada e notável.

PUB

APRESENTADOR DE TV / AUTOR / RAPPER

RÉMY MARTIN
FINE CHAMPAGNE COGNAC
VSOP
ONE LIFE / LIVE THEM

Beba com Moderação

Economia/Política



54 TONELADAS

Rússia exporta carne para Angola

O grupo Cherkizovo, que se apresenta como o maior produtor de carne e rações da Rússia, anunciou que começou a exportar para o mercado angolano, com a expedição, desde Novorossiysk, o primeiro lote de 54 toneladas de frango.

A Cherkizovo recebeu uma licença de exportação de produtos avícolas para Angola e vai fornecer frangos congelados, muito procurados face à insuficiente produção no país, inferior 5% por cento das necessidades.

Dados do Ministério da Agricultura dão conta, que em 2015, o país importou mais de 450 milhões de dólares em frango, o equivalente a 360 mil toneladas.

O grupo não adianta, entretanto, os valores do negócio, confirmando apenas que este foi o primeiro lote enviado para Angola, que se insere numa estratégia de reforço das exportações da marca, que já são feitas para países do norte e leste de África, bem como para o médio oriente.

Com unidades de produção de aves de capoeira, 15 instalações de produção de suínos, seis fábricas de processamento de carne e nove fábricas de ração, além de 140.000 hectares de terras agrícolas, o grupo Cherkizovo afirma possuir uma “estrutura verticalmente integrada”, que vai da produção ao abate e distribuição.

RESULTADOS CONSOLIDADOS DE 2015

Trocas comerciais entre Angola e SADC em queda

COMÉRCIO Indicadores dos negócios entre Angola e SADC ainda estão longe de equilibrar balança comercial entre países membros. Barreiras aduaneiras impostas por Angola e falta de diversificação das exportações na base dos baixos níveis dos fluxos de capital.

Por Mário Costa

As trocas comerciais entre Angola e a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) cifraram-se, em 2015, nos 6.885 milhões de kwanzas, recuando cerca de 24%, face aos 9.065 milhões de kwanzas registados em 2014, segundo dados da Administração Geral Tributária (AGT) a que o VALOR teve acesso.

Desdobrados os números, o país exportou, em petróleo, diamantes e madeira, 4.139 milhões de kwanzas, no ano passado, contra os 5.951 milhões de kwanzas registados no anterior, uma quebra superior a 30%.

No mesmo sentido, as importações derraparam 11,8% dos 2.765 milhões de kwanzas em 2015, face aos 3.114 nos 12 meses de 2014.

O saldo comercial, apesar de se manter favorável a Angola, seguiu o curso de queda das trocas comerciais, fixando-se em 1.374 milhões de kwanzas em 2015 e 2.837, no ano anterior.

O comportamento das trocas comerciais, segundo observadores, deve-se também à conjuntura económica do país, caracterizada pelo corte no preço do petróleo, com a con-

30%

é a quebra registada nas exportações angolanas em 2015.

11%

foi a queda das importações de Angola no ano passado, equivalente a 2.765 milhões de kwanzas.

sequente pressão sobre os recursos cambiais que se revelam insuficientes para as necessidades da economia.

Nos negócios fronteiriços, a tributação indica que a Namíbia, no ano passado, importou, dentro da comunidade, produtos avaliados em 11.064 milhões de kwanzas, liderando, desta forma, o ranking



Angola exportou, em petróleo, diamantes e madeira, 4.139 milhões de kwanzas, no ano passado.

dos quatro países que partilham a mesma fronteira com o território nacional e vendeu bens diversos avaliados em 98 mil milhões de kwanzas.

O Congo comprou, dentro da SADC, 1.368 milhões de kwanzas em bens diversos e exportou mercadorias no valor de 136.906 mil milhões de kwanzas. A RD Congo vem na terceira posição com uma quota de 919 milhões de kwanzas em importações. Em última posição ficou a Zâmbia que vendeu para a região bens e serviços avaliados em 67, tendo importado 219 milhões de kwanzas.

As importações, dos quatro países na SADC, em 2015, cifraram-se em mais de 13 mil milhões de kwanzas, enquanto as exportações para a região fixaram-se nos 266 mil milhões de kwanzas.

No entanto, a África do Sul lidera o mercado regional. No ano passado, importou, dos países membros, 120 mil milhões de kwanzas em bens diversos e, no sentido inverso, vendeu mais de 100 mil milhões de kwanzas.

A Namíbia vem em segundo lugar com exportações avaliadas em mais de 98 mil milhões de kwanzas e comprou bens e serviços avaliados em 11.064 milhões de kwanzas.

O total das importações dos países da SADC fixaram-se em 135 mil milhões de kwanzas e a venda global atingiu os 231 mil milhões de kwanzas.

Em termos de receitas aduaneiras, no ano passado, caíram para os 324 mil milhões de kwanzas, contra os 447 mil milhões de kwanzas registados no ano anterior.



A EXPLORAÇÃO DE FOSFATO, em Cabinda, arranca em 2019, anunciou o ministro de Geologia e Minas, Francisco Queiroz, reforçando que a zona explorada será o centro da província, numa localidade denominada Tando Zinze.



O MINISTÉRIO DAS FINANÇAS, através da Direcção Nacional do Património do Estado, anunciou que continua em curso a inventariação de todos os bens públicos relativo ao exercício de 2016. Processo deverá decorrer até Abril de 2017.

AVALIADOS EM MAIS DE 150 MILHÕES DE DÓLARES

47 projectos à espera de luz verde do Ministério

PESCAS. Iniciativas aguardam pela conclusão da análise da unidade técnica de apoio ao investimento privado, do Ministério dirigido por Vitória de Barros Neto

Por António Miguel

Pelo menos, 47 projectos ligados à indústria pesqueira, transformadora, salineira e aquicultura encontram-se à espera de autorização do Ministério das Pescas, para a sua implementação, enquanto o processo de avaliação decorre na unidade técnica de apoio ao investimento privado. A informação consta do relatório do conselho

consultivo do ministério, terminado sexta-feira, em Luanda, e que dá conta de que o conjunto das propostas de investimento totaliza 153,6 milhões de dólares, com a perspectiva de criação de 2.214 novos postos de trabalho.

O documento revela, em relação ao conjunto da actividade nos primeiros três trimestres do ano, que, de Janeiro a Outubro de 2016, foram capturadas 416,6 mil toneladas de pescado diverso em todo o país, com particular realce para a pesca semi-industrial e artesanal marítima que representam 61% da captura total.

Além de servir o mercado nacional, o pescado também foi exportado. Entre as principais espécies vendidas

para o exterior destacam-se a espada, com mais de quatro mil toneladas; a sardinha, acima das 13 mil toneladas, e a corvina com 840 toneladas. República Democrática do Congo e Namíbia, Arábia Saudita, Espanha, Chile, Peru e Coreia do Sul foram os principais mercados de exportação.

Em relação às importações de pescado diverso, este ano, verificou-se uma diminuição, comparativamente ao mesmo período de 2015. A tilápia (cacusso) continua a ser o produto mais importado da aquicultura, proveniente da China, sendo que, no período em balanço, se registaram 38 importações num total de 1,5 mil toneladas.

O sector pesqueiro registou um aumento de 5%, comparado ao período homólogo de 2015. A pesca industrial teve baixas na ordem dos 23%, enquanto a pesca semi-industrial teve aumento de 39%. A pesca artesanal marítima subiu 52% e a continental desceu na ordem 59%. A aquicultura também teve baixas de 30%, como resultado da escassez de divisas para importação de ração e outros equipamentos.

Em relação à transformação dos produtos da pesca (farinha e óleo de peixe), registou-se uma produção de 16,5 mil toneladas e mais seis mil litros, respectivamente. A indústria de conservas registou uma produção de duas toneladas, provenientes do Namibe, numa empresa que labora ainda em fase experimental.

A produção do sal iodizado apresenta-se com um aumento considerável, tendo atingido a cifra de 71.100 toneladas. Em sentido contrário, a produção de peixe seco registou uma redução acentuada de 45,1%, provavelmente pelo facto de as empresas preferirem a congelação do pescado por permitir a obtenção de receitas imediatas e menos perdas pós-captura, segundo o relatório do Ministério das Pescas.

Vitória de Barros Neto, ministra das Pescas



PUB

macon

Seu Destino, nosso Objectivo!

Carreiras Interprovinciais

A Macon Transportes está presente por toda Angola, excepto Cabinda, com carreiras interprovinciais distribuídas estrategicamente que unem o país em todas as direcções e sentidos há mais de 12 anos. Oferecemos estrutura própria de atendimento e a frota mais nova do país, disponível nas principais rotas, monitorada via satélite que significa maior segurança e pontualidade durante as viagens.

Central de Atendimento Autocarros 936 78 91 73 / 226 21 35 04

Aluguer & Fretamento

Realizamos os serviços de aluguer e fretamento, para atender viagens de passeios, negócios e encontros diversos, além de soluções customizadas e adequadas para o transporte de funcionários de empresas entre suas casas e locais de trabalho.

Sistema Integrado de Bilhete Eletrónico

Cargas & Encomendas

A Macon Cargas oferece várias opções em transporte rodoviário de encomendas, uma para cada necessidade de seu negócio. A frota é Ágil e Flexível para pequenos, médios e grandes volumes, através de transporte exclusivo, fracionado e urgente.

Central de Atendimento Cargas & Encomendas 929 22 56 43 / 923 35 85 21 918 62 99 70 / 226 21 41 30

Conheça nosso Mapa de Atendimento e Prazos de Entrega.

www.macontransp.com

Economia/Política

EM CAUSA O ENCHIMENTO DO RESERVATÓRIO DE LAÚCA

Governo 'anuncia' novos apagões para Fevereiro

ENERGIA. Medida deverá resultar no aumento da potência e geração de energia na ordem dos 2.000 megawatts, explica ministro de Energia e Águas. Luanda deverá ser das províncias mais afectadas.

Por Isabel Dinis

Os “apagões” que se têm registado um pouco por todo o país, principalmente em Luanda, vão manter-se durante todo o mês de Fevereiro de 2017, fez saber o ministro da Energia e Águas, João Baptista Borges, durante uma conferência de imprensa que visou esclarecer os constantes cortes de energia, principalmente aos fins-de-semana.

O governante informou que os cortes previstos para o segundo mês de

2017 se devem ao processo de enchimento do reservatório da barragem hidroeléctrica de Laúca, que está entre Capanda e Cambambe, para gerar energia eléctrica a partir de Julho de 2017.

“Vamos ter necessidade de encher o reservatório de Laúca e vai haver menos água para Cambambe, o que significa que vai haver menos energia, principalmente em Luanda, a partir de Fevereiro que vai também coincidir com o tempo de calor. Mas é um sacrifício a fazer-se para gerar energia de cerca de mais de 2.000 megawatts”, asseverou.

A falta de energia eléctrica tem gerado, nas últimas semanas, constrangimentos de vária ordem, com a população obrigada a recorrer de forma sistemática a fontes alternativas, nomeadamente geradores. “A consequência imediata é o aumento das despesas sobretudo nas famílias”,

23

por cento, é quanto Luanda precisa de electricidade todos os anos.

observa um luandense.

Ciente dos constrangimentos, João Baptista Borges pediu desculpas à população pelas consequências das interrupções da energia, tendo esclarecido que a causa dos recentes cortes de energia se devem aos ensaios de novas máquinas ligadas à rede de produção de electricidade na barragem de Cambambe, no Kwanza-



Manuel Tomás © VE

-Norte, e ao aumento de consumo de energia nesta época de calor, tendo recordado ainda que, só em Luanda, o consumo de electricidade aumenta anualmente 23%.

Nas conta do Governo, até 2017, o país deve atingir uma capacidade de produção instalada de 5.000 megawatts, produção considerada suficiente para atender à população com uma

curva de procura estimada em 1.800 megawatts.

A inauguração da barragem de Laúca está prevista para Julho de 2017, num investimento público de 4,3 mil milhões de dólares. Em Março, deve arrancar também a primeira fase da central do ciclo combinado do Soyo, num investimento de mil milhões de dólares.

PROJECTOS FORAM APROVADOS O MÊS PASSADO

Novos investimentos na indústria avaliados em 31,2 milhões USD

Por Isabel Dinis

A Unidade Técnica de Apoio ao Investimento Privado (UTAIP), do Ministério da Indústria, assinou, no mês passado, seis contratos no valor de 31,2 milhões de dólares, com os projectos a serem desenvolvidos em Luanda, Benguela e Kwanza-Sul.

Para Luanda, os investimentos prevêem a instalação de duas fábricas e a expansão de outra, sendo

que entre as duas primeiras uma estará vocacionada para a produção de massa alimentar, enquanto a outra para a produção de ‘snacks’, pipocas e comida mexicana e americana (produção de tex-mex).

A terceira unidade, em que se prevê apenas a sua expansão, estará voltada para a produção de tintas, vernizes, diluentes, revestimento, produtos e sistemas de impermeabilização e isolamento térmico.

As três unidades fabris deverão ser implantadas no Pólo Industrial de Viana, em Luanda, prevendo-se que venham a gerar 102 postos de trabalho directos.

No Kwanza-Sul, os investimentos serão feitos na instalação e exploração de duas unidades fabris, uma das quais, designada Fazenda Maxi, ligada à recolha, secagem, selecção, limpeza e embalamento de milho e feijão, assim como a transformação e produção do milho amarelo em fuba e farelo.

A outra fábrica estará vocacionada para a produção de fertilizantes líquidos, para a produção de milho, feijão, cana-de-açúcar e hortaliças, sendo que, segundo os termos do contrato, as duas fábricas deverão criar 35 postos de trabalho directos.

Já em Benguela, o projecto aprovado prevê a criação de uma fábrica ligada à produção, enchimento, empacotamento e fornecimento de bebidas não alcoólicas, para além de sumos de fruta. O investidor na província, segundo o contrato de investimento, pretende criar 88 postos de trabalho directos, “72 dos quais reservados a cidadãos nacionais e 16 a estrangeiros”. A fábrica será instalada no Pólo Industrial da Catumbela.

Todos os contratos assinados vão receber incentivos fiscais e aduaneiros, no quadro da nova Lei de Investimento Privado em vigor no

país, como a redução do pagamento do imposto industrial, da taxa de imposto de sisa e do imposto sobre aplicação de capitais.

Até Outubro, tomando como base o mês de Janeiro, a UTAIP tinha aprovado mais de trinta projectos de investimento privado, avaliados em mais de 55 milhões de dólares, segundo recentes declarações à imprensa avançadas pela ministra da Indústria, Bernarda Martins, tendo reforçado que, para este ano, estão por ser assinados, no total, mais de uma dezena de projectos, avaliados em 60 milhões de dólares.

BAI DIRECTO

ASSIM É FÁCIL

O SEU BANCO NO TELEMÓVEL
OU NO COMPUTADOR



PAGAR

ÁGUA, LUZ, IMPOSTOS
VIAGEM, CASA NA CENTRALIDADE

CARREGAR

TELEMÓVEL, TELEVISÃO

TRANSFERIR

TRANSFERIR DENTRO DO SEU BANCO
OU PARA OUTROS BANCOS

Com o novo BAI Directo, o BAI está sempre de portas abertas para si. Entre a qualquer hora e faça as suas operações diárias com o banco, sem esperas, nem complicações.

No seu computador ou telemóvel, num clique está junto do BAI.



Economia/Política

PERÍODO 2013-2017

Angola 'falha' metas para sector diamantífero

INDÚSTRIA MINEIRA. Metas, inscritas no Plano Nacional para Desenvolvimento (PND) 2013-2017, prevêem produção industrial de diamantes na ordem dos 10,8 milhões de quilates, operação que beneficiaria Estado com receitas na ordem dos 1.331 milhões de dólares.



O Governo prevê um crescimento de 1,5% da produção nacional de diamantes.

Por António Nogueira

O sector diamantífero nacional deverá apresentar uma taxa de crescimento de 0,5%, no próximo ano, contra os 4,9% previstos no PND 2013-2017, como média de crescimento do período, indicam as contas do Governo, expressas na proposta de Orçamento Geral do Estado (OGE) para o próximo ano, que vai à discussão final, na próxima quarta-feira, na Assembleia Nacional.

As “dificuldades em aumentar os níveis de produção das minas de Catoca, Cuango e Chitotolo, que respondem por cerca de 90% da produção do sector”, estão a ser apresentadas pelo Executivo como base de justificação do actual quadro.

Em recentes declarações à imprensa, o director-geral da Sociedade Mineira de Catoca, Sergey Amelin, revelou que a empresa conseguiu, em 2015, um aumento ligeiro da sua produção mas que, infelizmente, não resultou em aumento da facturação, devido ao preço médio do diamante na praça internacional que baixou consideravelmente.

O responsável avançou ainda, na altura, que a empresa conseguiu, naquele ano, um lucro de 126,8 milhões de dólares. A mina de

Catoca é considerada como a maior empresa no subsector diamantífero em Angola, sendo responsável pela extracção de mais de 75% dos diamantes nacionais.

Para este ano, o Governo prevê um crescimento de 1,5% da produção nacional de diamantes, para quase nove milhões de quilates. Segundo a mais recente projecção do Ministério da Geologia e Minas, a perspectiva para 2016 passa por alcançar a produção de 8,962 milhões de quilates, entre as componentes industrial e artesanal (garimpo individual ou em cooperativas, sob licença do Estado), esta última estimando uma produção superior a 860 mil quilates.

No entanto, indicadores mais optimistas, e que mais se aproximam às perspectivas inscritas no PND

2013-2017, só deverão ser alcançados “dentro dos próximos cinco anos, com a entrada em produção de novos projectos que se encontram ainda em fase de prospecção”, como recentemente fez crer o titular da pasta de Geologia e Minas, Francisco Queiroz.

As metas, inscritas no PND 2013-2017, prevêem uma produção industrial de diamantes na ordem dos 10,8 milhões de quilates, uma operação que beneficiaria o Estado com receitas na ordem dos 1.331 milhões de dólares, segundo as estimativas oficiais.

Angola exportou, em Agosto, 737,6 quilates de diamantes e, no mês a seguir, em Setembro, 882,1 quilates, segundo dados recentemente divulgados pelo Ministério das Finanças que reforça que o preço por quilate atingiu, em Setembro, um dos valores mais altos do ano, 129 dólares, contra os cerca de 123 dólares de Agosto.

Segundo os mesmos dados, as vendas de diamantes dispararam, em Setembro, tendo atingido os 144,2 milhões de dólares, contra os 90 milhões de dólares em Agosto.

Entre impostos e pagamentos de ‘royalties’ ao Estado, a actividade diamantífera representou um encaixe de 2.013 milhões de kwanzas de receitas fiscais em Agosto, valor que caiu para a metade em Setembro, para 1.018 milhões de kwanzas, segundo os dados oficiais.

Angola atingiu, em 2015, um novo recorde de produção de diamantes, com 8,837 milhões de quilates, o que rendeu ao país 1,1 mil milhões de dólares, mas reflectindo uma quebra de receitas de quase 210 milhões de dólares devido à quebra generalizada na cotação internacional.



AGT

Mais receitas com taxa de circulação

A Administração Geral Tributária (AGT) pretende mais do que duplicar as receitas provenientes da cobrança de taxas de circulação e fiscalização do trânsito de 2016, com a venda de 800 mil selos em todo o país.

A informação foi divulgada, na passada sexta-feira, em Luanda, pela AGT que prevê arrecadar cerca de 4,4 mil milhões de kwanzas, contra os 1,7 milhões de kwanzas embolsados em 2015.

Em comunicado, a AGT sublinha que vai lançar, a partir de hoje, segunda-feira, a cobrança da taxa de circulação e fiscalização do trânsito, que decorrerá entre Dezembro de 2016 e Março de 2017, para os automóveis em circulação ou que iniciem até Dezembro deste ano.

Os valores a pagar por cada selo variam de acordo com a cilindragem dos veículos, sendo que, para os motociclos, os preços variam entre 1.500 e 2.500 kwanzas. Já para os veículos ligeiros, os montantes a pagar oscilam entre 3.500 e 7.500 kwanzas, enquanto os pesados vão de 8.500 a 12.500 kwanzas.

NESTE NATAL,
VER 2 SEMANAS DE TV,
TÁ FÁCIL!

zap
A minha TV



TÁ FÁCIL
MINI
+ 45 CANAIS

1.150 AKZ

TÁ FÁCIL
MAX
+ 90 CANAIS

2.300 AKZ

TÁ FÁCIL
PREMIUM
+ 120 CANAIS

4.600 AKZ

CARREGUE NO ENTRETENIMENTO PARA A FAMÍLIA DURANTE 2 SEMANAS
COM OS PACOTES TÁ FÁCIL, TAMBÉM DISPONÍVEL NOS PACOTES MAX E PREMIUM.

LIGUE
935 555 500
apoio.cliente@zap.co.ao
Todos os dias, incluindo feriados,
das 7:00 às 24:00

Visite-nos em www.zap.co.ao e siga-nos



Mercado & Finanças

ATÉ AO INÍCIO DO QUARTO TRIMESTRE DE 2016

Comércio ‘engoliu’ maior fatia do crédito cedido à economia



A armazenagem é outro sector que também faz parte da lista.

Samuel Samuessa ©VE

ESTATÍSTICAS MONETÁRIAS. Dados do banco central colocam comércio a grosso e a retalho na linha da frente do crédito cedido pelos bancos, ao absorverem 870,1 milhões de kwanzas da totalidade do volume de dinheiro disponibilizado até Outubro. Particulares e imobiliários são segundo e terceiro mais abastecidos.

Por Nelson Rodrigues

O sector do comércio a grosso e a retalho recebeu dos bancos 870,1 milhões de kwanzas de crédito, correspondentes a 21,4% de um total de 4.066,9 milhões disponibilizado até Outubro, revelam os dados preliminares das estatísticas monetárias e financeiras do Banco Nacional de

Angola (BNA).

De acordo com o banco central, que separa a distribuição do crédito em 18 sectores de actividades, o crédito a particulares e às actividades imobiliárias, ocupam a segunda e terceira posições na lista dos empréstimos, com cerca de 618,1 milhões e 587 milhões de kwanzas, respectivamente.

O BNA não junta aos dados nenhuma explicação sobre o aumento do volume de crédito, que saiu de 744 milhões de kwanzas, em Janeiro, para 870,1 milhões em Outubro, uma evolução de 17%,

num espaço de 10 meses.

O fenómeno pode ser explicado pelas políticas de distribuição do crédito e de divisas a importadores, adoptadas pelo banco central em parceria com os ministérios do Comércio, Economia e Indústria, com vista a ‘salvar’ o mercado de especulações de preços e escassez de produtos da cesta básica.

Do total cedido, saíram ainda empréstimos para “outras actividades de serviços colectivos sociais e pessoais”, que ocupam a quarta posição da lista de crédito, com 572,4 milhões de kwanzas, seguida pelos

CRÉDITO AO COMÉRCIO DE JANEIRO A OUTUBRO

Mês	Montante
Janeiro	743.990
Fevereiro	753.128
Março	765.774
Abril	783.508
Maio	802.623
Junho	831.219
Julho	848.665
Agosto	853.331
Setembro	855.645
Outubro	870.140

sectores da construção e da indústria transformadora, que recolheram 489,1 milhões e 370,5 milhões, respectivamente.

O sector da agricultura, produção animal, caça e silvicultura vêm a seguir e somam créditos avaliados em 215,5 milhões de kwanzas, seguido da hotelaria e turismo que absorveu 76,1 milhões. A lista é ainda preenchida pelos transportes, armazenagem e comunicações, com 71,3 milhões.

Também constam das estatísticas monetárias dados referentes ao crédito para as actividades financeiras, seguros e fundos de pensões (68,4 milhões), a indústria extractiva (66,2 milhões), produção e distribuição de electricidade, gás e água (25,6 milhões), saúde e acção social (13,9 milhões), educação (11,8 milhões) e pesca (8,9 milhões).

A lista do crédito fica completa com saídas para os sectores de “famílias com empregados domésticos” (um milhão de kwanzas) e organismos internacionais e outras instituições extra-territoriais (395 mil kwanzas) e “outros valores não classificados”, de acordo com as estatísticas monetárias do banco central, com referência ao mês de Outubro.

BPC DEU MAIS CRÉDITO EM 2015

As estatísticas do BNA não identificam os bancos que participaram da concessão de crédito, nem os quantifica. Toda a informação sobre a disponibilização do crédito à economia está disponível nos dois últimos relatórios sobre o sistema financeiro nacional, desenvolvidos pelas consultoras Deloitte e KPMG, mas reportam-se ao ano passado.

A Deloitte conclui, por exemplo, que o total de crédito líquido a clientes ascendeu a 2.736.435 milhões de kwanzas, representando um crescimento de 6% face a 2014, com o Banco de Poupança e Crédito (BPC) a liderar nas saídas, com cedências na ordem dos 927.390 milhões de kwanzas, seguido do BAI, com 353.686 milhões, e do BIC, com 290.755 milhões.

A mesma classificação é atribuída pelos peritos da multinacional KPMG, mantendo o banco estatal à frente no ranking de crédito de todo o sistema bancário, além de ocupar igualmente a primeira posição na classificação por activos totais.

EMPRÉSTIMO POR MOEDA ALTERA

Segundo ainda a Deloitte, a distribuição do crédito por moeda nacional e estrangeira alterou ligeiramente a sua tendência de composição, tendo-se verificado uma diminuição de cinco pontos percentuais (pp) no peso da moeda nacional entre 2014 e 2015, “devido à variação cambial que se registou”.

“Considerando uma taxa de câmbio igual à de 31 de Dezembro de 2014, o peso do crédito em moeda nacional aumentaria 1 pp. De notar que os créditos contratados após Junho de 2011 que sejam indexados ou denominados em moeda estrangeira podem ser reembolsados pelos clientes em kwanzas”, lê-se no estudo da consultora privada de responsabilidade limitada com origens no Reino Unido.



A EMPRESA DE BEBIDAS Refriango anunciou, em comunicado, que a marca de sumo Nutry está a ser vendida no mercado chinês, fruto de uma parceria com a maior cadeia comercial daquele país asiático que representa um mercado de 1,4 mil milhões de consumidores.



A EMPRESA NACIONAL de Navegação Aérea (ENANA) assinou um acordo de consignação para obras de ampliação e modernização do aeroporto Maria Mambo Café, em Cabinda, orçado em 185 milhões de dólares.



MISSÃO INICIOU EM SETEMBRO

BNA inclui Itália no plano de ‘recuperação’ da imagem da banca

BANCA. Banco central solicitou apoios de assistência técnica à congénere italiana, numa estratégia de actuação que deve incluir ainda Associação Angolana de Bancos e seus associados e vários bancos comerciais da Itália. Principais bancos italianos mostram vontade em cooperar.

Por Nelson Rodrigues

nais, com vista ao fortalecimento das relações entre as instituições, de acordo com uma nota divulgada no site do regulador angolano.

De acordo com o banco central, os acordos foram traçados durante vários encontros que uma delegação do BNA e de vários bancos comerciais angolanos tiveram com entidades da banca italiana, com o objectivo de “alcançar um quadro efectivo de entendimento, que facilite acordos múltiplos, sobretudo a nível de assistência técnica do Banco de Itália para o Banco Nacional de Angola”.

Chefiada pelo governador do BNA, Valter Filipe, a delegação angola-

MEMORIZE

● **ESTA É A TERCEIRA** vez, em dois meses, que a administração de Valter Filipe se desloca ao estrangeiro com o objectivo de reforçar as relações com bancos centrais de outros países.

lana sentou-se ainda à mesma mesa com investidores italianos e com a Agência Italiana de Crédito à Expor-

Gigante italiano e BNA reunidos

Outro encontro que marcou a ida de Valter Filipe a Roma foi com os administradores do UniCredit, o segundo maior banco da Itália. Na reunião, foram debatidas as “melhores estratégias de cooperação em vários segmentos”, uma espécie de frente-a-frente entre responsáveis da banca angolana e italiana, esta que esteve igualmente representada ao mais alto nível, segundo resume a nota do BNA disponível no site.

Dos temas abordados por Angola, sobressaem o “perfil do Sistema Financeiro Angolano”, apresentado pelo conselho da administração do Banco Nacional de Angola, que reiterou o “seu compromisso com o cumprimento escrupuloso das normas de Basileia II e III e recomendações do GAFI”.

tação (S.A.C.E), que, segundo dados do BNA, detém 4,7 mil milhões de euros em património.

Esta é a terceira vez, em dois meses, que a administração de Valter Filipe se desloca ao estrangeiro com o objectivo de reforçar as relações com bancos centrais de outros países. O périplo inicia na África do Sul, quando o BNA, a convite do governador do Federal Reserve Bank (Banco Central da África do Sul), Lesetja Kganyago, reconheceu a necessidade de cooperação com aquele bem reputado banco central.

O objectivo é o mesmo: reforço das relações bilaterais entre os dois bancos centrais e no sentido de partilhar as acções e observações das boas práticas internacionais, recomendadas por Basileia II e III e pelo Grupo de Acção Financeira Internacional (GAFI).

Seguiu-se Portugal. Mas lá o objectivo foi, segundo o próprio governador do BNA, a busca de “apoio técnico para que o BNA venha a ser aceite como equivalente de supervisão bancária do Banco Central Europeu (BCE)”.

Para Valter Filipe, pretende-se igualmente “abrir um horizonte de relações permanentes”. O governador falava à saída do encontro com altos representantes da autoridade monetária italiana, acompanhado de altos quadros do BNA, nomeadamente a vice-governadora, Susana Monteiro, a administradora, Ana Paula Rodrigues, além de outros directores e responsáveis da Associação Angolana de Bancos (ABANC).

Também foram mantidos encontros com o Instituto para o Comércio Externo (ICE), o Grupo Cremonini, instituições voltadas para o crédito à exportação, fomento comer-

4,7

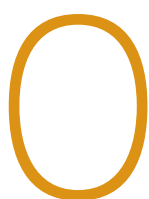
Mil milhões de euros é o valor do património da Agência Italiana de Crédito à Exportação. Esta que se tornou disponível em financiar projectos de investimento em Angola.

7

Número de bancos angolanos que acompanharam Valter Filipe a Roma, na busca de melhores práticas e estratégias para o sistema bancário nacional.

cial, seguro ao crédito, protecção de investimentos, agricultura, indústria alimentar e promoção de relações económicas com pequenas e médias empresas de países estrangeiros.

Do lado de Angola, e no âmbito de reforço de parceria, decorreram, posteriormente, reuniões conjuntas entre o BNA – os bancos Millennium Atlântico, BPC, BAI, BIC, BFA e Caixa Angola – com o banco italiano Intesa Sanpaolo, representado por Vittorio Ballerio, director de relações globais, também responsável para África, Hugo Patrick Doyle, chefe das relações públicas internacionais e Emanuele Delli Cicchi, relações internacionais.



O Banco Nacional de Angola (BNA) vai contar com ajuda do banco central da Itália e de vários bancos do sistema financeiro do país europeu no domínio de assistência técnica e de intercâmbios operacio-

Mercado & Finanças

NENHUM BALANÇO FOI DIVULGADO DESDE A FUNDAÇÃO

Banco Económico ‘esconde’ informação financeira há dois anos

BANCA. Instituição bancária não publica relatório e contas, nem no site, nem no Jornal de Angola, desde que foi criada pelo Governo via Banco Nacional de Angola, na sequência da liquidação do Banco Espírito Santo. Atraso na divulgação já criou ‘complicações’ a duas consultoras.

Por Nelson Rodrigues

O

Banco Económico não divulga relatórios de balanços referentes aos exercícios financeiros dos anos 2014 e 2015, dois

anos após a sua criação pelo Banco Nacional de Angola (BNA).

A instituição foi criada em Agosto de 2014, na sequência da liquidação do Banco Espírito Santo Angola, que tinha acumulado excessivos índices de crédito malparado, tendo influenciado nas contas de balanço de todo o sistema bancário nacional, com um recuo nos lucros na ordem dos 50,3%.

De acordo com uma pesquisa do VALOR, a última informação financeira do banco é ainda da ‘era BESA’. Ou seja, os últimos dados contabilísticos foram publicados há cerca de dois anos pelo congénere português Banco Espírito Santo, principal accionista da antiga instituição angolana.

No período, o accionista português tinha informado que a sua filial angolana havia contabilizado um valor equivalente a 47,3 mil milhões de kwanzas de prejuízos, no primeiro semestre de 2014.

Desde então, nenhuma outra informação financeira do banco foi tornada pública, nem no jornal de Angola (de maior circulação diária nacional), nem no portal de internet da entidade. Aliás, quem aceder à página de internet do banco, lhe é solicitado um cadastramento.

“O domínio www.bancoeconomico.ao requer um nome de utilizador e uma palavra-passe. A sua



Instituição é actualmente controlada maioritariamente pelo Estado, via Sonangol.

47,3

Mil milhões kz correspondem ao prejuízo contabilizado pelo antigo accionista português no ex-BESA.

50,4

Por cento corresponde à margem de lucros não entrados nos cofres dos 23 bancos comerciais influenciado pelo crédito malparado do ex-BESA.

MEMORIZE

- A instituição foi criada em Agosto de 2014, na sequência da liquidação do Banco Espírito Santo Angola (BESA), que tinha acumulados excessivos índices de crédito malparado.

ligação a este site não é privada”, lê-se no portal do banco, informação que se segue após um ‘click’ na secção ‘informação financeira’ ou balancetes.

O VALOR contactou, por várias vezes, a área de comunicação do banco, por telefone e correio electrónico, mas, até ao fecho desta edição, não obteve respostas. Na solicitação, o jornal procurava saber qual foi a última vez em que o banco publicou

contas e por que meio teriam sido divulgadas as respectivas demonstrações financeiras de balanços.

Outras tentativas foram feitas. Desta vez por via de uma fonte da área comercial que disse ao VALOR não ter “nenhuma informação” sobre as contas do banco desde a sua criação, “nem a administração ainda reportou aos colaboradores dados sobre o balanço do banco” nos quase dois anos de actividade.

A lei das instituições financeiras – lei nº12/15, de 17 de Junho – obriga a que as instituições financeiras publiquem as demonstrações financeiras dentro dos prazos definidos por lei.

“As instituições financeiras devem publicar as suas demonstrações financeiras nos termos e com a periodicidade definidos pelos respectivos organismos de supervisão, devendo as mesmas ser preparadas

por contabilista inscrito na entidade representativa dos contabilistas e peritos contabilistas de Angola, nos termos da Lei da Contabilidade e Auditoria”, impõe a lei.

BANCO CENTRAL PODE ALTERAR ADMINISTRAÇÃO

Segundo a lei das instituições financeiras, o BNA pode agir com mão pesada se entender que uma instituição não estiver a cumprir com o regulamentado por lei, ou esteja em “risco de não cumprir, normas legais ou regulamentares que disciplinem a sua actividade”.

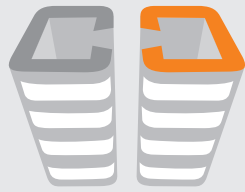
Entre as medidas correctivas a aplicar para o caso de incumprimento da lei, designadamente o incumprimento do dever de informação, o banco central pode restringir ou suspender determinadas pessoas de exercer funções de administração e gestão no sistema financeiro, determinar a suspensão ou substituição de administradores ou directores, de acordo com as linhas G, H e I da mesma lei.

“Caso se verifiquem situações susceptíveis de colocar em sério risco o equilíbrio financeiro ou a solvabilidade da instituição ou de constituir uma ameaça para a estabilidade do sistema financeiro, o organismo de supervisão pode exigir da instituição financeira a apresentação de um plano de recuperação, no prazo por este fixado”, avisa a lei.

CONTAS ‘ATRAPALHAM’ CONSULTORES

Os relatórios das consultoras internacionais Deloitte e KPMG também não revelam contas do Banco Económico referente aos exercícios de 2014 e 2015, porém coloca o banco entre os 23 do sistema com actividade iniciada.

Os peritos da KPMG reconheceram, por exemplo, ter havido “dificuldade” na elaboração de dados comparativos do sistema face a 2014 e 2015, devido a inexistência de informação financeira do Banco Económico.



CONCERA

- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos



✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO

- Blocos
- Abobadilhas
- Lancil
- Pavê
- Lajetas
- Manilhas
- Grelha de enlramento
- Tubos
- Cones
- Caixas de visita

✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS

- Vigotas
- Painel e Laje Alveolar
- Laje TT
- Ripas

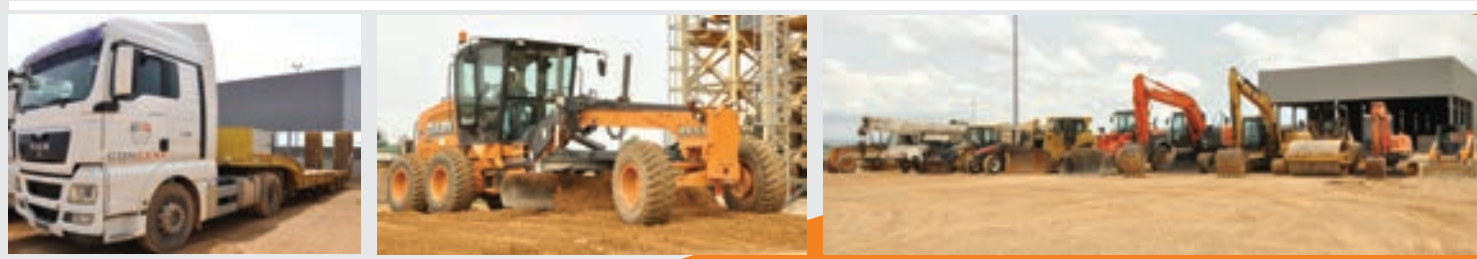
✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



Empresas & Negócios

INDISPONIBILIDADE DE CAMBIAIS E QUEBRA NA CONSTRUÇÃO ENTRE AS CAUSAS

Receitas da Maersk Line recuam mais de 18% no segundo semestre

TRANSPORTES MARÍTIMOS. Gigante mundial da transportação de contentores reduziu destinos para o país. Empresa anuncia ano de acentuada quebra nos negócios em Angola.

Por Mário Costa

As receitas conjuntas da Maersk Line, em Angola e América do Sul, recuaram, no segundo semestre deste ano, cerca de 18,1%, para os 900 milhões de dólares, face ao período homólogo em que os resultados atingiram 1,1 mil milhões de dólares, apurou o VALOR de fonte da empresa.

No mesmo sentido, seguiram as taxas médias de frete das mercadorias contentorizadas importadas que, nos últimos seis meses do ano, registaram uma queda de 40%, face ao mesmo período de 2015.

O Conselho Nacional de Carregadores (CNC) já havia antecipado, em relatório, que as importações, por via marítima, mantiveram a tendência decrescente no terceiro trimestre do ano, depois do recuo de 41% registado entre Abril e Junho de 2016, em relação ao mesmo período do ano passado.

O crescimento ténue do comércio angolano em 2016, ano em que a companhia diz ter registado indicadores aquém das expectativas, é justificado pelo CNC com a indisponibilidade cambial por parte dos empresários angolanos. O abrandamento do sector imobiliário e o desinvestimento do Governo no sector da construção estão também na base da queda dos fretes da Maersk Line em Angola, quando a administração previa uma ligeira expansão da sua actividade no país, com o ligeiro crescimento que projectava,



A empresa perspectiva algum crescimento no comércio marítimo.

sobretudo no comércio e na transportação de contentores com destino para o território angolano.

O comércio com a China continua, mas também houve uma quebra acentuada nas importações, por parte de Angola. Portugal, que, nos últimos anos, foi o grande mercado exportador, perdeu a solidez nas suas vendas para Angola e os atrasados com os expatriados ainda estão a influenciar o desempenho da Maersk Line. No que diz respeito aos destinos, Cabinda é o maior mercado da transportadora, enquanto Lobito e Namibe tiveram uma participação reduzida nas contas deste ano da empresa.

Para 2017, a empresa perspectiva algum crescimento no comércio marítimo, através de contentores, “uma vez que Angola está a passar por uma mudança estrutural e económica decorrente da escassez de cambiais”.

A multinacional, que aponta o mercado sul-americano como a alternativa, tendo em vista as exportações da Europa, Ásia, Médio Oriente e África, admite que foi obrigada a reduzir a mão-de-obra estrangeira.

OS NÚMEROS DO CNC

O Conselho Nacional de Carregadores indica, em dados divulgados recentemente, que, no segundo semestre de 2016, a Maersk Line mostrou uma “relativa queda”, com menos 80 mil toneladas (44%) em relação ao segundo semestre de 2015.

O CNC certificou, no mesmo período, um milhão de toneladas de produtos diversos, desembarcadas nos diferentes portos do país, contra as 1,9 milhão no período homólogo.

O destaque continua a ser o clinker, material mais importado (196.476,33 toneladas) e com os valores mais acentuados, mas registou uma queda de 13,27% em relação ao mesmo período do ano passado.

A liderança das importações pertenceu à Nova Cimangola, com um total de 151.637,48 toneladas, um aumento de 3,24% face ao mesmo

3,24

Por cento aumento registado pela Nova Cimangola.

44

Por cento queda da Maersk Line, no segundo semestre de 2016.

período de 2015. Com 85.533,43 toneladas e um aumento na importação de até 109,70%, a Cimenfort Industrial ocupou a posição imediata.

A Angoalissar, que apresenta uma tendência decrescente no volume das importações de 73,17%, com menos 74.783,48 toneladas do que no mesmo período do ano passado, quedou-se na terceira posição.

Entre os operadores marítimos, a Niledutch ocupou o topo do ranking. Durante o período em análise, a companhia transportou 179.745,95 toneladas, menos 108.902,73 que no período similar de 2015.

A CMA CGM sucede na componente peso, com o registo de 169.244,15 toneladas, um aumento de 93.598,55 (123,73%), e de 10.303,25 unidades mais de 81,64% de toneladas transportadas.

Com o final do ano a aproximar-se, os produtos alimentares apresentam uma tendência de estabilidade no volume global das importações. O arroz, segundo produto alimentar mais importado, estabilizou e a farinha de trigo também mantém esta tendência.



A REFRIANGO anunciou que o sumo Nutri está a ser vendido no mercado chinês, fruto de uma parceria com a maior cadeia comercial daquele país que representa um mercado de 1,4 mil milhões de consumidores.

185

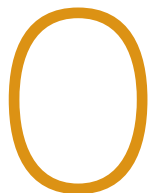
ENANA assinou um acordo de consignação para obras de ampliação e modernização do aeroporto Maria Mambo Café, em Cabinda, orçado em 185 milhões de dólares.

CONCESSIONÁRIA MANTÉM RESULTADO DO ANO PASSADO

Robert-Hudson factura 9 mil milhões de kwanzas

INDÚSTRIA. Apesar de prever uma facturação próxima dos resultados de 2015, concessionária de viaturas regista queda de 40% na venda de unidades. Números globais do mercado apontam para recuo nas vendas de cerca de 59%.

Por Valdimiro Dias



representante da marca Ford, em Angola, a Robert-Hudson, detida pelo grupo empresarial português

Salvador Caetano, prevê receitas brutas de nove mil milhões de kwanzas, revelou o administrador

delegado da empresa, em Angola, Gabriel Almeida, quando apresentava o balanço das actividades do ano corrente.

A facturação prevista deste ano repete assim os resultados do ano passado, embora as vendas de viaturas em 2016 devam registar uma queda de 40%, para 780 unidades, face a 2015, em que foram comercializadas 1.300 viaturas dos vários modelos da marca.

Gabriel Almeida nota, entretanto, que a quota de mercado da empresa tem vindo a evoluir, tendo



passado dos 5,6%, em 2014, para 6,33% em 2015. Já as projecções para o presente ano estão fixadas em 8,2%. O 'segredo' deste posicio-

namento, segundo o administrador, deve-se, em parte, "à estratégia adoptada nos serviços pós-venda, cujo stock de acessórios para as

assistências técnicas continua em níveis sustentáveis para suportar a procura, aliada à existência de uma mão-de-obra qualificada".

A Robert-Hudson afirma que, neste particular, as importações se mantêm "sem nenhuma dificuldade", dando conta de uma "maior cobertura do Executivo na disponibilidade de divisas para o pagamento ao exterior para peças de reposição automóvel". Além disso, a empresa explica que tem feito "um enorme esforço" de financiar a sua própria importação.

Falando da conjuntura do mercado, o administrador da Robert-Hudson, recorrendo a dados estatísticos da Associação dos Concessionários de Equipamentos de Transportes Rodoviários (ACETRO), observou que, de um modo geral, o mercado vendeu, entre Janeiro e Outubro do presente ano, 8.146 mil viaturas de todo o tipo de marcas. Face aos números do mesmo período do ano anterior, em que foram vendidas durante todo o ano 20 mil unidades, está em causa uma queda a roçar os 59%.

FÁBRICA DE COMPONENTES DE RAÇÃO SEM MATÉRIAS-PRIMAS

Nutrivet paralisa produção por falta de divisas

Uma fábrica de componentes para a produção de ração animal, Nutrivet, localizada em Luanda, corre o risco de paralisar as actividades, nos próximos três meses, como consequência da falta de divisas para a importação de matérias-primas.

A directora-geral da fábrica,

Susana Carbó, nota que o problema de escassez de divisas se regista desde 2014, "mas, nos últimos seis meses, a situação tem piorado", refere. "Há cada vez menos garantia de importação, sendo que, em stocks, há matérias-primas apenas para assegurar os próximos três meses de produção." A empresa tem necessidade de importar, pelo menos, 30% das matérias-primas para desenvolver a sua actividade, sendo nacional os restan-

tes 70%. Há um mês que a unidade fabril, que funciona no município do Cazenga, deixou já de produzir o seu principal produto, o concentrado de proteico, componente fundamental para a produção de ração animal. "Sem isso, não é possível. As pessoas vão acabar por alimentar mal os animais. Há gente que diz que vai pôr farinha-de-peixe, mas essa não é a alimentação correcta nem equilibrada. Os animais vão adoecer e as

galinhas, por exemplo, não vão pôr os ovos que deviam pôr, enquanto os frangos não terão a carne adequada", alerta a engenheira especializada na área alimentar.

Com o previsível encerramento da linha de produção do concentrado de proteico, pelo menos 200 clientes, espalhados pelo país, vêem-se impossibilitados de receber as encomendas. "Isto quer dizer que os clientes que têm fábrica de rações não podem produzir ração animal (gado e aves)", explica.

"Imagine que precisemos de 500 euros para a importação de matérias-primas para produzir alimentos de um determinado número de animais, para o mesmo número de animais, se for o nosso cliente a importar, ele vai precisar de três vezes

mais do que o valor que precisamos. Então, achamos que até somos uma indústria que poderia impulsionar a pecuária. E não é uma indústria que precise de tantas divisas", lamenta a directora-geral. A comercialização de medicamentos veterinários é uma outra linha de negócio daquela empresa que também foi encerrada por falta de divisas para a importação dos produtos. Neste momento, a fábrica encontra-se a produzir apenas ração completa para um reduzido número de clientes, tendo em conta também que este não é o 'core business' da empresa. Pelas contas da gestora, cerca de 20 funcionários da Nutrivet podem ser despedidos, "se a situação não melhorar".

António Miguel

(In)formalizando

Bento Rafael, presidente da Amotrang



Santos Samuéssea ©/E



Agentes garantem que o negócio vale a pena.

CARTÕES DE RECARGA TELEFÓNICA

Negócios que dão rede

REVENDA. Recargas de telemóveis e aparelhos fazem negócio de muitos empreendedores que podem ser vistos em pequenos estabelecimentos comerciais ou mesmo na rua. Revendedores afirmam que negócio compensa.

Por Amélia Santos

A venda de produtos e serviços electrónicos das operadoras de telefonia móvel e fixa é uma das alternativas para quem pensa em abrir um pequeno negócio ou associá-lo a outros.

Mas, para se tornar em agente revendedor da Movitel, Unitel, Telo ou Angola Telecom, é necessário que se tenha alvará comercial, cartão de contribuinte, cópia do bilhete de identidade ou passaporte e croqui de localização do estabelecimento. No caso de particulares, devem associar-se a uma empresa que tenha esses documentos. Essa é, pelo menos, uma das novas exigências da Telo.

Os custos dos produtos e serviços das operadoras variam, assim como a

margem de lucro dos revendedores. Para quem investe na venda de recarga de telemóveis da Unitel, por exemplo, no valor de 93.750 kwanzas correspondentes a 9.375 Unidade de Tarifário de Telecomunicação (UTT), pode ter uma margem de lucro de 3% aproximadamente 2.812,5 kwanzas, tendo em conta que uma UTT custa 10 kwanzas.

No caso da Telo, outra empresa que presta diversos serviços de telecomunicações, o revendedor particular é obrigado a comprar, pelo menos, 100 mil kwanzas em cartões de recarga, além de um aparelho no valor de 40 mil kwanzas, no acto da assinatura do contrato. Como contrapartida, além dos 10% de bonus sobre o valor da recarga, o cliente tem uma margem de 20% sobre cada chamada de 45 segundos. “Por exemplo, se o meu cliente fizer uma chamada de 45 segundos, eu cobro 50 kwanzas. Deste valor, 40 kwanzas vão para a Telo e os 10 é o meu lucro”, explica um revendedor de Cacucaco. No caso

3%

Percentagem que as operadoras pagam aos vendedores de saldos, sobre o número de vendas.

de empresas, o bonus de 10% sobre a compra da recarga inicial e a margem de lucro mantém-se. A única alteração ocorre na quantidade de aparelhos que deve adquirir, estipulado num mínimo de cinco.

Outro produto que pode ser adquirido da Telo, para a revenda, são os conhecidos Tec, os aparelhos de carregamento automático da Unitel. A formalização do processo pelo revendedor, junto da Telo, passa apenas pela apresentação do bilhete de identidade, do cartão de contribuinte e pela identi-

cação do local de revenda, informação que a própria empresa considera como não sendo muito relevante. Aqui, por cada 56 UTT, o revendedor tem uma margem de 50, kwanzas, diferença resultante do preço da compra (500 kwanzas) do preço da revenda (550 kwanzas). Na subscrição inicial, o revendedor incorre, entretanto, a uma compra obrigatória de 2.060 UTT, no valor de 20 mil kwanzas, recebendo como compensação um bônus de 600 kwanzas, em UTT.

Para a Angola Telecom, o processo “é mais” burocrático. O interessado tem de remeter uma carta dirigida à direcção da empresa a solicitar. Depois de uma avaliação, é contactado para uma possível parceria.

Na Movitel, para particulares, basta a entrega da cópia do B.I e do cartão de contribuinte. O valor de entrada depende do poder financeiro e é dado um cartão em que terá acesso às lojas Movitel e adquirir os materiais que desejar vender.

Um dos revendedores dos produtos Telo e Tec, Pembele Mambuele, de 26 anos, sustenta a família com a revenda de cargas há seis anos. Como revendedor, teve de adquirir uma licença na administração da Samba para poder vender em frente ao Nosso Centro, no Gamek, e usar a cabine oficial Telo.

O jovem confessa que esse é um bom negócio, apesar de não se ganhar valores avultados numa primeira fase. “Mas com uma boa gestão, estratégia, calma e sabedoria, chega-se longe”, admite, classificando-o como “um negócio limpo e seguro”. Pembele Mambuele já foi vendedor de rua, mas a visão do negócio levou-o a adquirir uma cabine e assim evitar conflitos com fiscais. “Com uma micro-empresa ganham-se muitas coisas, o segredo é saber gerir”, aconselha.

Além das chamadas, vende telemóveis, acessórios, recargas da Movitel e da Unitel. O jovem aconselha a quem quiser investir que o faça em pequenos negócios.

100.000

BOAS NOTÍCIAS PARA ANGOLA.



EM TODAS AS PROVÍNCIAS.

Agora, o jornal que você não dispensa para estar bem informado vai estar nas mãos de muitos mais angolanos. O Nova Gazeta tem **cem mil exemplares, todas as quintas-feiras**. Para chegar com força a todas as províncias. Com a imparcialidade, as notícias, a crítica e a actualidade que fazem falta.

www.novagazeta.co.ao

100 MIL. SEM CUSTO.

DE JURE



O NCC é membro observador da comissão dos Direitos Humanos e dos Povos da União Africana.

RELATÓRIO FALA EM FALTA DE TRANSPARÊNCIA

ONG critica Lei do Património

NOVA LEGISLAÇÃO. Organização diz que legislador não especifica se viaturas de uso pessoal são atribuídas a título definitivo ou temporário.

Por Isabel Dinis

A Lei do Património Público, aprovada recentemente pela Assembleia Nacional, deixa algumas lacunas, defende a organização não-governamental, Centro Nacional de Aconselhamento, num relatório intitulado “Monitoria do Parlamento Angolano III fase”.

No relatório, que avalia as leis que foram aprovadas pelo parlamento entre Agosto e Outubro, a ONG acredita que na Lei do Património Público, o legislador, mesmo tendo determinado na classificação do que era uma viatura de uso pessoal e de serviço geral, não

especifica no artigo 64.º se as viaturas de uso pessoal são atribuídas a título definitivo ou temporário.

A organização questiona, no relatório, “como fica a situação das viaturas após o término do mandato dos beneficiários “e acredita que a lei deixa insuficiências do ponto de vista da transparência”.

O relatório do Centro Nacional de Aconselhamento acredita que é “urgente”, que a Assembleia Nacional crie condições para que se esclareça o artigo 64º para que não haja a usurpação do bem público, ou que haja clareza das questões que a ONG questiona.

A lei, que comporta 91 artigos, estabelece as bases gerais e o regime jurídico do património que integra o domínio público do Estado e das autarquias locais, bem como o regime jurídico do controlo da gestão do património, que integra o domínio privado do Estado, das autoridades locais, do patrimó-

nio dos institutos públicos e de outras pessoas colectivas públicas pertencentes ao sector público administrativo.

A alteração da lei do património público foi aprovada, visando racionalizar os recursos financeiros do Estado, em consequência da crise económica. Por altura da apresentação da proposta de alteração, o antigo ministro das Finanças, Armando Manuel, referiu que a lei visa adequar os critérios e procedimentos para a aquisição de veículos aos funcionários do Estado que não sejam titulares de cargos políticos e equiparados.

O Centro Nacional de Aconselhamento, também conhecido por National Counselling Centre (NCC) é uma organização não-governamental nacional, fundada em 2000. A ONG é membro observador da comissão africana dos Direitos Humanos e dos Povos da União Africana.

COMÉRCIO INTERNACIONAL

Barreiras alfandegárias ‘controlam’ trocas comerciais

As barreiras alfandegárias e comerciais são estabelecidas pelos governos com o objetivo de controlar o intercâmbio internacional de mercadorias nacionais, referiu o consultor da União Europeia, Fernando do Vale, durante o seminário sobre comércio internacional.

Fernando do Vale referiu que as barreiras podem ser praticadas na forma de tarifas, quotas ou licenças de importação. Ainda segundo o interlocutor, as barrei-

ras comerciais são aquelas que os governos impõem para controlar o comércio internacional de mercadorias que chegam ao país.

As quotas de importação, licenciamentos, procedimentos alfandegários, as medidas anti-dumping, compensatórias, sanitárias e fitossanitárias e os padrões privados foram também analisadas pelos seminaristas.

O seminário sobre comércio internacional é um projecto de assistência técnica ao Secretariado Nacional da SADC e foi financiado pela União Europeia. O certame decorreu durante cinco dias.



O seminário é um projecto de assistência técnica ao Secretariado Nacional da SADC.

É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS**

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

URSULA BURNS, A PRIMEIRA AFRO-AMERICANA A LIDERAR UMA EMPRESA DE TOPO

De estagiária a presidente

TECNOLOGIAS. Filha de mãe solteira, nascida num dos subúrbios de Nova Iorque, integra lista das 100 mulheres mais poderosas do mundo. Foi primeira negra a liderar uma empresa das 500 mundiais mais valiosas. E é símbolo de fidelidade à empresa: começou como estagiária na Xerox, que hoje lidera.

Por Emídio Fernando

A

lém de presidente e directora-executiva da Xerox Corporation, Ursula Burns é o símbolo do sucesso, alcançado a pulso, e bem

pode representar o 'american dream'. Foi a primeira mulher afro-americana a ascender ao topo de uma empresa que consta na lista das 500 mais valiosas no mundo. Em 2014, ocupava a 22.ª posição na lista da Forbes.

Nascida em 1958, num dos subúrbios dominados por negros filhos de imigrantes da América Latina e África, Ursula Burns é filha de uma mãe solteira, de origem do Panamá. Nasceu e foi criada num centro comunitário que albergava pessoas desfavorecidas economicamente. Nunca chegou a conhecer o pai. Estudou num colégio católico, fez o bacharelado em engenharia no Instituto Politécnico da Universidade de Nova

Iorque e concluiu o mestrado em engenharia mecânica, um curso geralmente dominado por homens, na Universidade de Columbia. Mas nunca exerceu a profissão. Fez toda a carreira na Xerox, onde entrou apenas como estagiária aos 22 anos, com assistente administrativa. Percorreu quase todos os departamentos e lideranças. Dirigiu os serviços corporativos, o fabrico e o sector de desenvolvimento de produtos. Chegou a vice-presi-

22

Posição de Ursula Burns na lista das 500 mulheres mais poderosas do mundo. E idade com que Ursula Burns começou a trabalhar na Xerox

dente em 2007, foi nomeada CEO em 2009 e depois presidente em 2010. Dos subúrbios, 'saltou' para a sofisticada Manhattan, onde reside com o marido, um antigo funcionário da Xerox, e com uma filha.

Ursula Burns faz questão de ser ela a dirigir as equipas negociais nas conversações com governos em todo o mundo e dirige directamente as maiores transacções. Foi assim que, pouco depois de ser nomeada CEO, liderou a maior aquisição na história da Xerox, a compra de Affiliated Computer Services, por 6,4 mil milhões de dólares, mas enfrentou contestações quando iniciou um processo de despedimentos que levou à saída de 500 trabalhadores da empresa.

Por causa do cargo e do seu papel social, Ursula Burns aparece regularmente na lista das revistas Fortune e Forbes como uma das mulheres mais poderosas do mundo. Além da Xerox, faz parte dos conselhos de administração da American Express Corporation, da Exxon Mobil Corporation e da Fundação Ford, entre outros cargos em institutos científicos e de investigação e em universidades. Também fornece conselhos de liderança a várias outras organizações comunitárias, educacionais e sem fins lucrativos, incluindo o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o Comité Olímpico dos EUA, a National Academy Foundation e FIRST (de inspiração e reconhecimento de ciência e tecnologia), entre outros.

Ainda em 2009, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, escolheu-a para ajudar a liderar o programa nacional de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM) e simultaneamente foi nomeada presidente do Conselho de Exportação, do presidente, em 2015, após ser vice-presidente desde 2010.

A marca que é um verbo

Em inglês corrido nos Estados Unidos e em português no Brasil, Xerox já se transformou em verbo ou substantivo. É fotocopiar ou uma cópia. A marca, criada em 1940, entrou assim na cultura popular. Tudo começou quando uma pequena fábrica de produtos fotográficos, Haloid, criou uma fotocopadora aproveitando a invenção de Chester Carlson, que criou a xerografia. Nascia assim a Haloid Xerox e posteriormente apenas Xerox. As máquinas revolucionaram as rotinas dos escritórios. Na década de 1970, a fábrica criou um centro de investigação que ainda recebeu a ajuda dos engenheiros de Steve Jobs. Estava encontrada a receita perfeita para associar as fotocopiadoras aos computadores, surgindo assim as impressoras, que se tornaram imprescindíveis até aos dias de hoje.

A Xerox espalhou-se por todo o mundo, tem mais de 130 mil empregados e está presente em 180 países. Domina mais de metade do comércio mundial de impressoras. A empresa norte-americana continua baseada em Stamford, no estado de Connecticut.



Ursula Burns,
presidente da Xerox

Para salvar o mundo de Trump



Ana Palacio

Se a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais nos EUA provocou um terremoto, o período de transição, que antecede à posse a 20 de Janeiro, parece ser um aviso de tsunami. O mundo inteiro especula sobre o que vai acontecer e, dependendo de quem tenha compromissos na Trump Tower naquele dia, o humor oscila entre a preocupação e o pânico. Mas, em vez de nos enlamear no fatalismo, devemos tomar medidas para evitar o pior.

A situação parece sombria. O compromisso da América com os seus aliados, há muito tempo, formou o alicerce da segurança pós-II Guerra Mundial, assim como o seu engajamento em instituições internacionais sustentou a cooperação global. Isto é tão verdadeiro hoje como o era há 50 anos, apesar de algum enfraquecimento da supremacia dos EUA.

No entanto, Trump parece pensar que o compromisso dos EUA, exemplificado em declarações incendiárias durante a campanha, deve ser com os aliados da NATO que “pagam as contas” e mostra-se pronto para renunciar à cooperação baseada em regras (já rejeitou o acordo comercial de Parceria Trans-Pacífico) e às mudanças climáticas (ameaçou retirar-se do histórico acordo alcançado no ano passado em Paris). Em resumo, o engajamento global dos EUA, sob todas as formas, pode se alterar substancialmente, fazendo um sério desafio à ordem internacional liberal.

Isso representa uma clara inversão do segundo mandato de Barack Obama, durante o qual foi feito um importante progresso na adaptação do papel internacional da América a um ambiente global em mudança. Numa época em que o poder é cada vez mais difuso e a organização difícil, Obama começou a dar respostas políticas mais flexíveis.

O informal casou-se com o formal. Os laços firmes foram substituídos por regimes complexos que criaram centenas de conexões mais fracas (e muitas vezes de nível mais baixo), ao invés de alguns fortes vínculos de alto nível. O acordo de Paris foi o exemplo mais claro e completo desta abordagem. Mas os esforços noutras áreas, desde a erradicação de doenças até à governação da Internet, reflectem uma filosofia semelhante.

Não se trata de elogiar a administração Obama. Nem para endossar Obama. De facto, as reticências de Obama em se engajar nalgumas áreas contribuíram para a ruptura de alguns componentes da ordem mundial, mais claramente no Médio Oriente. No entanto, sob a sua liderança, surgiram sugestões de como estruturar a cooperação internacional numa nova era - sugestões que Trump parece determinado a ignorar.

Com Trump, os EUA surgem como um actor unilateral, em grande parte, focalizado em interesses de curto prazo. Sem os EUA a liderar, o processo de desenvolvimento de uma base nova e mais flexível para uma cooperação global será interrompido, pelo menos nos próximos anos. Esta é uma má notícia para o mundo, mas pouco há a fazer.

Há uma outra consequência potencial da presidência de Trump que deve ser evitada: a deterioração da integridade do sistema global. Falhar em fazer progressos é uma coisa; Desmantelar a ordem baseada em regras que sustentou a paz e prosperidade por sete décadas é outra.

Além de ser um poder indispensável, os EUA são o poder interconectado. É o centro das relações que unem o mundo em conjunto, do dólar à segurança, à lei, à pesquisa e à inovação. O unilateralismo de Trump será tão prejudicial para a ordem internacional quanto as suas consequências seriam reduzidas em comparação com os danos causados por um EUA verdadeiramente isolacionista e retirado dessas regras.

Naturalmente, em teoria, outro poder poderia intervir para substituir os EUA. Mas não se vislumbra



ninguém. A Europa está depressivamente longe do nível de unidade necessária para assumir um papel global importante. A Rússia enche-se de orgulho, mas não tem visão e autoridade para agir como um líder mundial. A Índia certamente ainda não está lá.

Talvez o candidato mais óbvio seja a China. E os fortes apelos do governo chinês para a cooperação climática e os rápidos movimentos na sequência da eleição de Trump para preencher esse vazio indicam uma vontade de assumir uma posição mais central na cooperação global.

Mas a China, também, permanece muito longe da liderança norte-americana, principalmente por causa dos sérios desafios internos que enfrenta. Mais autoridade regional, juntamente com um aumento gradual na participação global, fornece toda a publicidade positiva e influência que a China precisa para agora.

Se os EUA adoptarem uma postura verdadeiramente isolacionista, a hegemonia regional pode-se tornar a ordem do dia. A China, a Rússia, os EUA e a Alemanha liderariam cada uma das respectivas esferas. Isso levanta o espectro do conflito ao longo das fronteiras dessas esferas: a Rússia competiria com a China na Ásia Central e com a Alemanha na Europa Oriental.

Nas regiões que não têm uma hegemonia clara, como em África e

na América Latina, os rivais regionais competirão pela primazia, talvez com o apoio de outras regiões hegemónicas em competição como durante a Guerra Fria. Como sabemos muito bem, enquanto as esferas de influência podem dar uma aparência de estabilidade, produzem grande conflito de poder.

Não podemos ficar de braços cruzados e permitir que esse futuro se desdobre. O risco é muito alto. Em vez disso, devemos intensificar agora, enquanto a administração Trump ainda está em período de gestação, formar conexões com os EUA para mantê-lo envolvido e activo.

A curto prazo, isso exigirá uma abordagem transaccional, e não uma abordagem baseada em princípios; Trump é, afinal, um negociador. Mas a partir deste ponto baixo vem um propósito elevado. Por mais difícil que se possa admitir, Trump tem um papel fundamental a desempenhar na salvação do mundo. Temos de ter certeza de que ele vai estar no lugar certo quando a cortina subir.

Ex-ministra das Relações Exteriores de Espanha, ex-vice-presidente do Banco Mundial, professora na Universidade de Georgetown, membro do Conselho da Agenda Global do Fórum Económico Mundial nos EUA.

Com Trump, os EUA surgem como um actor unilateral, em grande parte, focalizado em interesses de curto prazo. Sem os EUA a liderar, o processo de desenvolvimento de uma base nova e mais flexível para uma cooperação global será interrompido, pelo menos nos próximos anos. Esta é uma má notícia para o mundo, mas pouco há a fazer.

Internacional

DESVIO DE DINHEIROS PARA PARAÍÇOS FISCAIS ATINGE 'ESTRELAS' INTERNACIONAIS

Futebol 'apanhado' na fuga ao fisco

DESPORTO. Depois do caso 'Panama Papers', que envolve políticos e empresários num esquema de fuga aos impostos, chegou a vez dos futebolistas. Dezenas de 'estrelas', das mais bem pagas do mundo, depositaram dinheiro em 'paraísos fiscais'. Em Espanha, processo pode resultar em prisões.

Tal como a investigação no caso do 'Panama Papers', o consórcio de jornais, que trabalha na investigação de fuga aos impostos e desvios de dinheiro para 'paraísos fiscais', recebeu 18 milhões de documentos que envolvem centenas de jogadores profissionais de futebol. Grande parte deles trabalha em Espanha, o que levou as autoridades deste país a fazerem uma investigação às contas dos jogadores, treinadores e clubes.

Os portugueses José Mourinho, Cristiano Ronaldo, Fábio Coentrão, Ricardo Carvalho, Pepe e ainda Ozil, Di Maria, Xabi Alonso, Neymar, Van der Vaart são alguns dos nomes que surgem envolvidos na investigação inicialmente revelada pelo jornal alemão 'Der Spiegel', mas difundida pela página 'FootballLeaks'. O grupo de jornais, que tem divulgado a informação, é composto por órgão de Espanha, Inglaterra, Alemanha, Sérvia, Portugal, Itália e França, e envolveu 60 jornalistas que investigaram durante meses.



Cristiano Ronaldo é acusado de ter utilizado uma empresa fictícia, sediada nas Ilhas Virgens.

Os documentos foram cedidos pela plataforma digital 'Football leaks', que surgiu em Portugal e que assume ter como objectivo denunciar a corrupção, a fraude e a evasão fiscal no futebol.

O processo mais mediático tem sido o de Cristiano Ronaldo que é acusado de ter utilizado uma empresa fictícia, sediada nas Ilhas Virgens,

18

milhões de documentos que envolvem jogadores foram encontrados.

para ocultar receitas de publicidade de cerca de 90 milhões de dólares e, segundo o Der Spiegel, alguns colaboradores próximos de Ronaldo revelaram-se preocupados com a possibilidade de detalhes da sociedade caribenha chegarem ao conhecimento das autoridades.

O jogador português desmente a informação e tratou de divulgar

cópias da entrega de impostos em Espanha. No entanto, as autoridades espanholas continuam a investigar e solicitaram a um tribunal que proibisse os jornais de dar mais informações sobre o processo. A medida foi aceite por um juiz do Tribunal Administrativo, argumentando que as informações violam a "privacidade dos atletas". O próprio ministro dos Desportos espanhol, Íñigo Méndez de Vigo, mostrou-se contra a proibição.

Até a semana passada, a maioria dos nomes envolvidos, entre treinadores e jogadores, trabalha com a Gestifute do empresário Jorge Mendes. A empresa fez saber, na quinta-feira, numa declaração pública, os atletas estão em dia com as suas obrigações fiscais, tanto em Espanha como em Inglaterra.

Numa declaração, enviada à Agência Lusa, a Gestifute sublinhava os casos de Cristiano Ronaldo e José Mourinho, garantindo que "nunca estiveram envolvidos em qualquer processo judicial relativo à prática de qualquer delito fiscal".

Também como aconteceu com o 'Panama Papers', o consórcio de jornalistas promete revelar mais dados sobre a evasão fiscal, nas próximas semanas.



Em 2015, foram criados 302.188 empregos.

MOÇAMBIQUE

Emprego 'dispara' em 2016

Mais de 200 mil postos de trabalho terão sido criados entre Janeiro e Outubro de 2016 em Moçambique, revelou a ministra do Trabalho, Emprego e Segurança Social, Vitória Diogo.

A agricultura, construção e comércio foram os que registaram

mais novos postos de trabalho em 2016 e que, até Outubro, mais de 74 mil pessoas tinham sido formadas, na maioria jovens.

Para Vitória Diogo, além de apostar na formação, o país deve uniformizar e padronizar os mecanismos de recolha de dados das oportunidades de emprego, como forma de garantir melhor organização do mercado.

A aprovação de quatro novos regulamentos na Lei de Traba-

lho, entre os quais a revisão dos mecanismos e procedimentos para contratação de mão-de-obra estrangeira, é apontada pela governante como um elemento que flexibilizou o mercado de emprego em 2016, além de ter garantido a transmissão de conhecimentos para trabalhadores moçambicanos.

Em 2015, de acordo com dados oficiais, foram criados 302.188 empregos.

O GOVERNO são-tomense nomeou o antigo ministro do Plano e Finanças Hélio de Almeida como novo governador do Banco Central de São Tomé e Príncipe (BCSTP). Hélio de Almeida substituiu Maria de Carmo Trovoada Silveira.



O PARLAMENTO de Cabo Verde aprovou o Orçamento do Estado para 2017 com votos favoráveis do partido do governo (MPD, votos contra do maior partido da oposição (PAICV) e a abstenção da terceira força política (UCID).



Muitas famílias estão a vender as suas terras.

MADAGÁSCAR

Um milhão com fome

Madagáscar sofre uma grave seca que atinge cerca de um milhão de pessoas, que estão a passar fome devido às fracas colheitas e criando uma situação de crise humana.

Na semana passada caiu alguma chuva no sul, mas não foi suficiente para a actual estação de plantio ser bem-sucedida, esperando-se que a situação humanitária prolongue-se até 2017.

Segundo o representante da organização Catholic Relief Services, Joshua Poole, os agricultores no sul começaram a plantar sementes devido às chuvas recentes, mas essas sementes podem ser desperdiçadas se não houver mais chuva para as plantações crescerem, disse hoje. “Numa situação

como esta, nós devemos agarrar-nos a qualquer esperança que tivermos”, disse Poole.

Muitas famílias estão a vender as suas terras e pertences para sobreviver, de acordo com o Programa Alimentar Mundial (PAM) da ONU. A agência da ONU referiu que a escassez de recursos o obrigou a cortar as rações para as pessoas que recebem ajuda.

As pessoas de algumas aldeias têm comido fruto de cactos, porque não há outros alimentos disponíveis, de acordo com os integrantes de organizações humanitárias.

A África Austral tem experimentado uma das secas mais severas em 35 anos devido ao fenómeno climático ‘El Niño’, deixando milhões de pessoas em toda a região a precisar de ajuda alimentar. O sul de Madagáscar já vinha sofrendo com a seca por vários anos.

CONTRA OS EUA

Japão apoia acordo

O parlamento do Japão ratificou o Acordo de Associação Transpacífico (TPP) para “enviar uma mensagem ao mundo” sobre a importância deste pacto comercial que o presidente eleito dos EUA, Donald Trump, já anunciou a intenção de o ‘rasgar’. O Japão, a terceira economia mundial, completou assim o processo legislativo para adoptar o acordo, embora o governo tenha ainda de rever alguns regulamentos para poder entrar em vigor.

Trump considerou o TPP um “desastre potencial” para os EUA. Para o TPP entrar em vigor, tem de ser ratificado por um número de países que representem pelo menos 85% da economia do bloco que o assinou, pelo que tem de haver aval dos EUA, que representam 60% do Produto Interno Bruto dos 12 Estados. Assinaram o acordo os EUA, Japão, Austrália, Brunei, Canadá, Chile, Peru, Malásia, México, Nova Zelândia, Singapura e Vietname.



Este não é o primeiro pedido de destituição contra Michel Temer.

BRASIL

Presidente ‘cercado’

Membros de movimentos sociais e dos partidos de oposição entregaram, na Câmara dos Deputados (câmara baixa do parlamento), um pedido de destituição contra o presidente do Brasil, Michel Temer.

O pedido tem como base denúncias feitas pelo ex-ministro da Cultura, Marcelo Calero, que diz ter sofrido pressões do presidente para autorizar a construção de um prédio de luxo na Bahia, que tinha sido embargado por um órgão federal que fiscaliza o património cultural. O ex-ministro da secretaria de Governo Geddel Vieira Lima tinha comprado um apartamento desse prédio.

Depois de entregar o pedido, o Partido Comunista do Brasil

(PCdoB) explicou que a oposição entende que Michel Temer praticou actos ilegais previstos no código penal.

A queixa contra Michel Temer indica que ele cometeu um crime de responsabilidade já que terá influenciado um subordinado a actuar contra a Constituição.

Para que o ‘impeachment’ (destituição) prossiga é necessário que o presidente da câmara baixa, Rodrigo Maia, aceite e abra uma comissão parlamentar para analisar o caso.

Este não é o primeiro pedido de destituição contra o presidente brasileiro. A bancada do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) deu entrada em Novembro de um outro pedido também baseado na suposta interferência presidencial a favor de interesse pessoal do ex-ministro Geddel Vieira Lima.



AOS ALIADOS ÁRABES

Estados Unidos vende armas

Administração norte-americana aprovou um conjunto de acordos para fornecer helicópteros, aviões e mísseis a quatro dos seus aliados árabes, por um valor superior a sete mil milhões de dólares.

O maior acordo anunciado foi a venda, à Arábia Saudita, de 48 helicópteros de carga CH-47F Chinook, por 3.510 milhões de dólares. A Boeing e a Honeywell Aerospace serão os adjudicatários destes contratos.

Cerca de 60 norte-americanos – empregados do sector privado e do sector público – vão trabalhar na Arábia Saudita na manutenção deste material aéreo.

Washington também aprovou um contrato para vender a Marrocos 1.200 mísseis anti-tanque TOW 2A, feitos pelo gigante das armas norte-americano Raytheon, por 108 milhões de dólares.

Apesar de o Departamento de Estado ter aprovado as vendas, depois de ter consultado o Pentágono, o Congresso norte-americano ainda as pode blo-

quear. Todos estes quatro países árabes são aliados dos EUA e grandes clientes do negócio do armamento. Espera-se que os contratos sejam aprovados, apesar das críticas dos grupos de direitos humanos, que apontam o dedo aos EUA por apoiarem a coligação liderada pela Arábia Saudita contra os rebeldes huthi no Iémen, que tem sido acusada de matar civis.

Ambiente

MAIS DE 800 CONTRA AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Cientistas desafiam Donald Trump

CLIMA. Preocupados com promessas e ameaças de Donald Trump, centenas de cientistas apelaram ao presidente eleito dos EUA que pondere recue nas intenções para salvar planeta.

Por Redacção

U

m grupo de 800 cientistas enviou uma carta ao presidente eleito dos Estados Unidos, o republicano

Donald Trump, para que tenha em atenção os efeitos da mudança climática e não vire as costas para as acções necessárias para combater esse fenómeno, como anunciou durante a campanha eleitoral.

A carta, publicada pela revista 'Scientific American', sugere que Trump escute os cientistas sobre temas relacionados à mudança climática e que comece a aliviar as preocupações levantadas em relação à sua opinião sobre o assunto. "Trump tem o apoio da maioria das empresas, líderes militares, cientistas, engenheiros e cidadãos para responder às ameaças colocadas pela mudança



Donald Trump, presidente eleito dos EUA.

climática ao reduzir a poluição por carbono e expandir a energia limpa", afirmam os especialistas.

"Muitas das grandes cidades e estados norte-americanos já se comprometeram a fazê-lo. Pedimos que decida se quer que sua presi-

dência seja marcada pela negação e o desastre, ou pela aceitação e a acção", desafiam os cientistas.

O grupo também pede ao presidente eleito o aumento dos investimentos em energia limpa dentro do país, que se reduza a poluição por

carbono, que se faça mais investimentos em mecanismos para responder a desastres climáticos extremos e a permanência no acordo climático assinado em Paris.

Donald Trump negou, durante meses, a realidade da mudança cli-

170

países assinaram os acordos sobre o meio ambiente na convenção de Paris.

mática e chegou a dizer, nas redes sociais, que se tratava de um "engano dos chineses". Durante a campanha eleitoral, também defendeu o cancelamento dos acordos sobre meio ambiente da convenção de Paris realizada em 2015, assinados por mais de 170 países, e prometeu retirar todos os investimentos dos EUA para as Nações Unidas que tenham a ver com a mudança climática.

A semana passada, o magnata nova-iorquino reuniu-se com o ex-vice-presidente norte-americano Al Gore, um dos principais activistas no combate às mudanças climáticas, para abordar a situação.

A PARTIR DE 2017

Google apenas com energia renovável

O

s centros de dados e os escritórios da multinacional de serviços online e software, Google, vão ser alimentados apenas com energia renovável, a partir de 2017. A empresa considera ter feito "um marco enorme".

A Google já era a maior compradora de energia renovável no sector da tecnologia. Em 2016, 44% da sua energia é solar ou eólica. Mas a

partir do início de 2017, a percentagem vai aumentar para os 100%.

A Apple e o Facebook e outras companhias fora do sector tecnológico como a IKEA ou a Starbucks também aderiram a uma campanha para atingir a mesma meta.

No caso da Google, o objetivo foi traçado em 2012, mas levou cinco anos a ser implementado porque os contratos e os acordos tiveram de ser celebrados em todos os locais onde a empresa opera. O director global de infra-estruturas e energia,

Gary Demasi, explicou à agência Reuters que, no total, celebraram "19 novos acordos" com empresas de energias renováveis.

Apesar de estarem conscientes da emissão de gases de efeito estufa e da sua pegada de carbono, as preocupações não foram apenas ambientais. "Também se tratou de bloquear preços a longo prazo", explica Marc Oman, líder europeu de energia da Google, citado pelo jornal britânico Guardian – "cada vez mais a energia renovável é a opção mais barata".

"Ao longo dos últimos seis anos, o custo da energia eólica e solar decresceu 60% e 80%, respectivamente", argumenta no blogue da empresa o vice-presidente das infra-estruturas técnicas da Google, Urs Hölzle. Para prevenir a flutuação de preços, a empresa precisou de fazer contratos a longo prazo, no caso, com a duração de dez anos.

A Google pondera também utilizar energia nuclear. "Estamos a olhar para todas as formas de energia com baixa emissão de carbono", explicou Oman ao Guardian.



A Google já era a maior compradora de energia renovável.

Educação & Tecnologia

PRIORIDADES SÃO ZONAS DE CATÁSTROFES NATURAIS

Impressora 3D cria casa por apenas 50 dólares

INOVAÇÃO. Startup italiana chamada Wasp utilizou impressora 3D gigante para construir casa feita de estruturas circulares feitas em barro. Custo de produção é de apenas 50 dólares.



TELEMÓVEIS

Samsung sem entrada de auscultadores

A Apple decidiu apostar numa única entrada para tudo e retirou o 'jack' de 3,5mm do iPhone 7, acabando por ser alvo de muitas críticas. Mas, sem grande surpresa, foram várias as marcas chinesas mais pequenas que seguiram esse caminho e agora chegou a vez da Samsung. A gigante tecnológica sul coreana decidiu que o Galaxy S8 não vai ter entrada 'jack' de 3,5mm, limitando-se apenas à entrada USB-C, segundo a Sammobile.

A remoção da entrada convencional para os auriculares vai permitir à Samsung criar um smartphone ainda mais fino mas com mais espaço livre para os componentes internos. Uma outra hipótese será aproveitar o espaço extra para aumentarem o tamanho das baterias.

A mesma fonte avança ainda que existe a possibilidade de o galaxy S8 integrar altifalantes da Harman Kardon – empresa adquirida recentemente pela Samsung por 8 mil milhões de dólares.

A empresa deve apresentar o novo modelo topo de gama em Fevereiro de 2017 na Mobile World Congress, em Barcelona, sem confirmar qualquer tipo de informação referente ao dispositivo antes da data de apresentação.

Segundo o El Mundo, um dos sócios da Wasp, Gianluca Pugliese, afirmou que um dos locais predilectos para a construção destas primeiras casas seria em locais onde aconteceram catástrofes e onde existe a necessidade de realojar a população. Ressalvou, ainda que, em Itália, é muito vulgar que as pessoas passem anos a viver em casas muito pequenas e que, com esta inovação, podem ser construídas casas maiores e mais económicas.

O mesmo responsável salientou que já tem vários pedidos, de vários países, para a construção destas casas e que existem já intenções de se construir um bairro inteiro. A primeira que foi construída está em Massa Lombarda, em Itália, onde fica a sede da empresa.

A impressora 3D, que tem 12 metros de altura e sete de largura, não precisa de qualquer outra matéria-prima que não lama e palha, que se transformam no tal barro que serve de base à construção das casas. São necessárias apenas quatro pessoas para montar a máquina, que demora dois dias a estar pronta.

A impressora avança cerca de 50 centímetros por dia, demorando cerca de uma semana a fazer toda a estrutura principal da casa. O resultado: uma habitação em forma circular, com seis metros de diâmetro e quatro de altura. O seu interior é oco e sem tecto, uma vez que o telhado é posteriormente montado e adaptado aos requisitos urbanísticos do sítio onde a casa se insere. Portas e janelas são, também, colocadas à parte.

Mas vamos de novo a uma das partes mais interessantes deste projeto: o preço. O custo de produção destas casas é de apenas 50 dólares, uma vez que não é necessária nem muita mão-de-obra, nem muita matéria-prima, nem mesmo camiões que tenham que andar de um lado para o outro para transportar materiais.

Além da 'impressora-mãe', existem ainda mais duas impressoras, com três metros de altura, que têm, também, funções muito importantes na construção destas casas. Estas duas impressoras são responsáveis por, digamos, converter a 'lama' em casa. Uma funciona com os materiais de plástico, construindo móveis, e a outra trabalha com louça.

Estas três impressoras são práticas no transporte: basta desmontá-las por módulos e coloca-las num

MEMORIZE

- O interior da casa oco e sem tecto, uma vez que o telhado é posteriormente montado e adaptado aos requisitos urbanísticos do sítio onde a casa se insere. Portas e janelas são, também, colocadas à parte.

50

centímetros é quanto a impressora avança por dia.

12

metros, altura da impressora que tem sete metros de largura.



Um dos locais predilectos para essas casas são locais onde aconteceram catástrofes.

Marcas & Estilos

Tecnologias acústicas



Os fones de ouvido LCD-X são completa e meticulosamente produzidos à mão, usando os materiais mais finos e mais luxuosos combinados com a tecnologia magnética de ponta. Melhor do que isso, são preenchidos com espuma acústica cuidadosamente escolhida para melhor ajuste e som.

África em seda



A Maki Oh de seda é um vestido de manga curta com lapela e botão na parte de frente. Feito com 'adire' com tingimento orgânica à mão e pintura técnica da Nigéria, a peça usa folhas de índigo natural 100% de algodão.

Sonos cinéfilos



O armário do sono transforma-se ora numa unidade de estantes, ora numa cama 'queen', com apenas meros 60 centímetros de profundidade. Este incrível sistema de cama giratória vai fazê-lo acreditar que está num filme de James Bond.

Sua 'majestosa'...



Melhor do que o ouro? Só esta bolsa da Hermes Himalaia. A mais rara, mais desejável e mais deslumbrante do mundo. Caracteriza uma coloração subtil, inspirada no crocodilo de Niloticus, que evoca imagens das majestosas montanhas Himalayan.

Execução perfeita



Um verdadeiro caso de execução perfeita. A Bathing Ape em 'Green Camo' incorpora o ADN de ambas as marcas. O Camo é a força dominante na parte superior, enquanto três listras e uma entressola formam os acentos verdes e completam o sapato.

Artefactos nipónicos



O Veldt Serendpity foi desenhado exclusivamente com luzes LED e uma pequena tela, capaz de exibir intuitivamente informações sincronizadas com o seu smartphone. É um relógio com design que combina com moda profissional ou fim-de-semana, equipado com funções inteligentes seleccionadas, úteis nas rotinas diárias. Cada um dos invólucros do relógio é cuidadosamente montado e polido por artesãos japoneses.

RESTAURANTE

Ousadia na comida

Está no meio de prédios de escritórios, num parque empresarial, e venceu recentemente um concurso, com voto do público, por ter o 'melhor menu'. Foi graças ao prato de lagosta, com laranja, milho e caviar, que o Kook restaurante liderou a tabela elaborada pela página Luanda Night Life. Mas também poderia vencer com o polvo com emulsão de ananás ou ainda com pargo com camarão e puré de abóbora. O restaurante define-se como uma "espécie de cozinha de autor com sushi". Mas, conta quem por lá passou, é muito mais do que isso. Tem pratos próprios, criados com "ousadia e imaginação". O Kook fica situado no Belas Business Park, em Talatona, e garante que só usa produtos nacionais.



TURISMO

Belém, para um turismo cristão

Para quem é cristão, esta temporada ganha uma dimensão diferente. Além da febre consumista de que o Natal é rico, a época poderia servir para os cristãos escolherem outros caminhos. Até para fazer turismo. Belém, na zona da Cisjordânia, pode ser uma excelente escolha. Supostamente, foi aqui que Jesus Cristo nasceu. A cidade, apesar de estar cercada por tropas israelitas e por alta segurança,

não deixa de ser um centro cultural e turístico importante. Tem hotéis, dos mais modestos aos mais sofisticados. Em hebraico, significa 'Casa do Pão'. Dos seus 30 mil habitantes, é aqui onde vive a comunidade cristã mais antiga do mundo. Mas a maioria tem origem muçulmana. Parte dela mantém os labirintos das casas brancas, feitas de tijolo, tal como se vivia há mais de dois mil anos.



AGENDA

LUANDA

13 DE DEZEMBRO

O guitarrista e vocalista francês Nicolas Paugam realiza um concerto, no Centro Cultural Brasil. A partir das 19 horas.

16 DE DEZEMBRO

1.ª Edição dos Prémios Jovens da Banda, na Fortaleza de São Miguel, em Luanda. A partir das 18 horas.

17 DE DEZEMBRO

'Show' de Matias Damásio no Pavilhão da Cidade-la. Bilhetes a 15.000, 2.500 e 1.500 kwanzas. A partir 20 horas.

17 DE DEZEMBRO

'Show' de Anselmo Ralph 'Amor é cego' no Dream Space, em Viana. Bilhetes a 2.000 e 15 mil kwanzas. A partir das 20 horas.

HUÍLA

12 DE DEZEMBRO

Paulino Soma lança o livro 'Viver e morrer em Angola', na Mediateca do Lubango, pelas 16 horas.

“Há poucos incentivos para motivar a mulher, principalmente na literatura. Em relação às escritoras mais velhas somos poucas e isso é mau.”

ESCRITORA NGONGUITA DIOGO

“Há muita inveja entre escritores”

LITERATURA. Declamadora e escritora, Ngonguita Diogo é a primeira mulher angolana a ocupar a cadeira número 1 na Academia de Letras do Brasil, em Luanda. Critica inveja que há entre escritores e revela que se sentiu vítima de racismo num encontro literário no Brasil.

Por Amélia Santos

Foi descoberta em 2004 pelo escritor e amigo John Bella e só lança o primeiro livro em 2010.

Ao contrário dos outros escritores que se descobrem, eu não me descobri escritora, porque, nos meus vários sonhos, nunca me passou pela cabeça ser escritora. Mas, às vezes, entediada, vou escrevendo um texto. O John Bella viu-me escrever gostou do que leu e incentivou-me.

Essa história era ficção?

Influenciada pelas nossas guerras deu-me vontade de fazer uma história de uma menina órfã de guerra. A história é de ficção e até hoje não foi publicada, mas já tem título: ‘Os seios que desafiaram o mundo’. Mostrei ao meu pai que sempre foi um bom leitor. Na cabeceira do seu quarto ou na mesinha da sala tinha sempre um livro. O meu pai perguntou se era plágio. A pergunta deixou-me tão insultada que me deu vontade de lhe provar que não preciso plagiar e fiz, a seguir, outro texto. E ele disse: - ‘muito bem pensado, alto teor inventivo, seguindo as pegadas de Camilo Castelo Branco, filho de peixe é peixe.’ O meu pai só não foi escritor porque não teve um John Bella na sua cola.

Depois desse processo lançou o livro?

Depois pensei: por simpatia, o pai, se tem um filho sapo, diz que é lindo. Mas não senti muita firmeza e procurei um outro olhar, o do escritor Albino Carlos que me disse que escrevia bem, mas que se tratava de novelas, aconselhou-me a não publicar, porque, em poucos anos, teria vergonha dos livros. Hoje digo que ele tinha razão. Depois escrevi ‘No Mbinda o ouro é sangue’, já com alma de Ngonguita.



Como explica ter a cadeira número 1 da Academia de Letras do Brasil, de São José do Rio Preto, em Luanda?

Recebi este diploma a 5 de Dezembro, não só pelo facto de ser escritora e os poemas que publico na minha página do Facebook serem vistos e aplaudidos nacional e internacionalmente. Tenho inclusive um texto que foi musicalizado em Portugal por Joaquim Silva, ‘D’alma’. Não basta ser escritora, tem de ser um bocadinho mais do que isso. Esse título não é para ser dado para qualquer pessoa, tem de se fazer alguma coisa.

E conseguiu fazer?

Foi o que fiz na VIII Jornada Internacional de Mulheres Escritoras, um evento anual que reúne escritoras de vários países com o objectivo de criar mecanismos que possam viabilizar uma melhor e mais eficaz comunicação entre

Não basta ser escritora, tem de ser um bocadinho mais do que isso. Esse título não é para ser dado para qualquer pessoa, tem de se fazer alguma coisa.

escritoras e divulgar a literatura e os trabalhos críticos de tradutoras, pesquisadoras, jornalistas e educadoras, que se realiza em São Paulo, Brasil. Fui a única africana a representar o continente. Mas tive alguma sorte, porque toda a propaganda foi feita com a minha imagem. A imprensa é que faz o artista. Cheguei apavorada, porque senti que me estavam a dar

muita responsabilidade e não me via com estrutura para isso.

E como é que a superou?

Fui com a cara e a coragem do próprio africano, não estava lá muito segura, tanto é que sofri uma dissecação aórtica, e não tenho dúvidas de que essa responsabilidade influenciou na minha saúde. Decidi dirigir o discurso ao meu país. Fi-lo de forma harmoniosa, o que surpreendeu todos. Foi um discurso de superação e não de lamentação. Quis mostrar que não venho de uma selva, porque era a única negra. Inclusive fui vítima de racismo. Meteram-nos num hotel, em que as escritoras deviam dividir o quarto, mas ninguém aceitou dividir o quarto com a negrinha.

Como se sentiu depois de tudo isso?

A minha saúde piorou e fui internada de imediato para fazer a ope-

PERFIL

Ngonguita Diogo, pseudónimo literário de Etelvina da Conceição Alfredo Diogo, nasceu a 4 de Maio de 1963, no Cazengo (Ndalatando), Kwanza-Norte. Declamadora e escritora, tem publicados os livros ‘No Mbinda, o ouro é sangue’ (2010), ‘Wesa a princesa’ (2010), ‘Sinay’ 2011, ‘A minha Baratinha’, ‘Acudam Maria do Rangel’ (2013) e ‘Da alma ao corpo’ (2014) e um CD de poemas ‘E assim Virei Maria’, infanto-juvenil. É membro do Movimento literário Lev’Arte.

ração. A minha ida foi um propósito de Deus para ser tratada.

Como foi aceite pelos escritores mais antigos?

Foi péssima. Nós infelizmente temos um grande defeito. Ninguém se alegra com o sucesso do outro. Contam-se aos dedos as pessoas que me felicitaram. Escritores então foram uns dois ou quatro, uns fingiam até que não ouviram a notícia. O simples facto de ser convidada na jornada já é um grande feito para os meus compatriotas. E ser a cadeira número um então!!! O nosso egoísmo é tão grande que ninguém quer olhar para o lado.

Ou por ser mulher que não foi bem aceite?

Acredito que não! É mesmo inveja.

Como vê a literatura feminina?

Há poucos incentivos para motivar a mulher, principalmente na literatura. Em relação às escritoras mais velhas somos poucas e isso é mau. Depois a guerra entre nós, essa pequenez de pensamento, já que o nosso país é tão grande e há espaço para todas, devia haver mais união.

NÚMEROS DA SEMANA

62,8

Milhões de dólares é o valor do financiamento do banco polaco GospodarstwaKrajowego (BGK) à Academia de Pescas e Ciências do Mar do Namibe.

416

Mil toneladas é a quantidade de pescado diverso que foi capturada este ano, em Angola, sendo que 61% do total foi proveniente da pesca artesanal e semi industrial.

6

É o número de fazendas que o Governo vai privatizar, com vista a potenciar o sector agropecuário e reduzir os encargos do Estado.

27,3

Milhões de kwanzas é o valor que a direcção do Comércio Hotelaria e Turismo, na Huíla, arrecadou no terceiro trimestre deste ano.

BANCO ACUMULOU PREJUÍZOS DE 300 MILHÕES USD PR exonera administração do BDA

O Presidente da República exonera, por decreto presidencial, Manuel Neto da Costa, do cargo de presidente do conselho de administração do Banco de Desenvolvimento de Angola (BDA), função que desempenhava desde 2013. As exonerações, segundo o decreto assinado pelo Presidente José Eduardo dos Santos, são extensivas a todos os membros do conselho de administração do banco público, que tem como objectivo financiar o sector produtivo nacional.

O documento explica que as exonerações foram feitas “considerando a necessidade de se dar continuidade às políticas públicas de financiamento bancário e a concretização dos objectivos socioeconómicos definidos pelo Presidente da República”.

O decreto, no entanto, não faz

menção ao novo conselho de administração, explicando somente que havia “necessidade de se efectuar o reajuste do conselho”, tendo em conta a “importância de se dar maior dinamismo ao novo conselho de administração do BDA”.

Recentemente, Manuel Neto da Costa revelou, em conferência



de imprensa, que muitos dos projectos financiados pelo BDA foram reestruturados, com impacto no prazo de carência, tendo reforçado que o nível de imparidade da carteira de crédito do banco ficou próximo dos 50% até 31 de Dezembro de 2015, o correspondente a 55,9 mil milhões de kwanzas.

O afastado PCA chegou a revelar, na altura, que cerca de 300 milhões de dólares emprestados a clientes já foram reconhecidos como perdas ao longo dos 10 anos de operação do banco. No entanto, o BDA registou, ao longo dos últimos cinco anos, vários clientes que não pagavam os créditos, surgindo inclusive vozes que davam conta de que a instituição bancária estava em risco de falência.

Isabel Dinis

CONTRATAÇÃO DO GOVERNO

Consultora gere linha de crédito

A empresa de consultoria DAR Angola vai ser contratada pelo Governo, por cerca de 3,3 mil milhões de kwanzas, para fazer a gestão e coordenação das obras a realizar ao abrigo do plano operacional da Linha de Crédito da China (LCC). A decisão, aprovando a minuta do contrato, consta de um despacho presidencial, de 7 de Dezembro, citado pela Lusa.

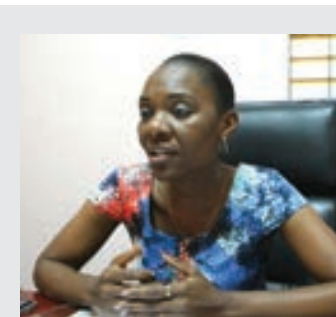
O plano operacional da LCC a Angola está avaliado em 5,2 mil milhões de dólares (cerca de 828 mil milhões de kwanzas) e prevê 155 empreitadas em vários sectores no país, com as obras a serem operacionalizadas por empresas chinesas.

O acordo prevê ainda a subcontratação de empresas nacionais

pelos empresas chinesas seleccionadas para as empreitadas.

O contrato para o acompanhamento e coordenação técnica destas obras, agora aprovado, será estabelecido entre o Ministério da Construção

e a empresa DAR Angola Consultoria, estando previsto neste plano da LCC, só para a área da construção, 33 projectos, que totalizam 213,7 mil milhões de kwanzas para 2.242 quilómetros de estradas.



NO NAMIBE

Comércio pouco ambicioso

Pelo menos, 230 novos estabelecimentos comerciais foram licenciados durante este ano, no Namibe, segundo a directora provincial do Comércio, Hotelaria e Turismo, Amélia Camunheira, que fez o balanço do sector que dirige.

A província tem perto de dois mil estabelecimentos comerciais, sendo 159 grossistas, 126 retalho e dois supermercados e várias cantinas. Amélia Camunheira afirmou que, durante 2016, nenhum ‘projecto ambicioso’ foi desenvolvido a nível do comércio, no Namibe.

A directora garante que a província está preparada para corresponder à procura de produtos da cesta básica durante a quadra festiva. Alguns importadores estão a trabalhar em conjunto com o governo provincial, no sentido de assegurar o abastecimento alimentar. Aí, não é permitido que nenhum indivíduo estrangeiro invista em pequeno comércio ou em cantina, de acordo com a nova Lei de Actividade Comercial.

A província tem já uma associação de comerciantes. Trata-se da Associação Comercial e Indústria do Namibe.

O VALOR ESTA SEMANA

COMÉRCIO NA SADC

Angola em queda

Trocas comerciais, entre Angola e a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) cifraram-se, em 2015, nos 6,8 mil milhões de kwanzas, contra os 9,5 mil milhões de 2014. Marcha dos negócios registou quebra de 2,2 mil milhões de kwanzas no último ano, fruto da queda das exportações nacionais na região. **Pág. 8**



PESCAS

Novos projectos na calha

Pelo menos, 47 projectos ligados à indústria pesqueira, transformadora, salineira e aquicultura encontram-se à espera de autorização do Ministério das Pescas, para a sua implementação. Propostas totalizam um valor global de 153,6 milhões de dólares, perspectivando a criação de 2.214 novos postos de trabalho. **Pág. 9**

ROBERT-HUDSON

Resultados mantêm-se

Representante da marca Ford, em Angola, a Robert-Hudson, poderá obter, até ao final do ano, uma facturação de até nove mil milhões de kwanzas, mantendo resultados obtidos no ano anterior. Empresa registou redução nas vendas, este ano, no entanto continua a evoluir em relação à quota de mercado. **Pág. 19**